



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NO MUNICÍPIO
CATARINENSE DE SÃO JOÃO BATISTA**

RICARDO DE CASTILHO SELKE

FLORIANÓPOLIS – SC

2009

Ricardo de Castilho Selke

**EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NO MUNICÍPIO CATARINENSE
DE SÃO JOÃO BATISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel no Curso de
Ciências Sociais da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaspar Muller

Florianópolis

2009/2

Ricardo de Castilho Selke

**EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NO MUNICÍPIO
CATARINENSE DE SÃO JOÃO BATISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso considerado
aprovado em 10/08/2009, como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais
pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dra. Maria Soledad E. Orchard
Coordenadora do Curso de Ciências Sociais

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Gaspar Muller
Orientador

Profa. Dra. Maria Soledad E. Orchard

Prof. Zilas Nogueira de Queiroz

À minha avó Dulce

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à doutora Bernardete Aued. Sem a sua colaboração e seus comentários este projeto não teria saído do papel. Também gostaria de lembrar que a idéia de fazer um trabalho sobre a exploração do trabalho infantil em São João Batista não partiu de mim, mas sim de um trabalho mais amplo, desenvolvido pelo TMT. Por isso, meus sinceros agradecimentos.

Gostaria de agradecer também aos meus colegas: Daiana, Cláudio, Glória e Vicente. Todos me ajudaram de formas diferentes. Seus comentários e idéias foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho. Sem contar nas seguidas vezes que fomos juntos para São João Batista. As viagens foram muito mais divertidas com as suas companhias.

Ao meu orientador Ricardo Gaspar Muller, pelas reuniões que ajudaram a delimitar o formato do texto.

Gostaria de agradecer ao meu pai, que aceitou um trabalho insalubre apenas para dar uma condição financeira melhor aos seus filhos. À minha mãe, que sem dúvida me influenciou mais do que qualquer outra pessoa. À minha avó, por toda a sua força.

Meu agradecimento especial à diretora Vera: sem a sua ajuda o meu questionário nunca teria sido posto em prática. E a todos os professores da escola, que dedicaram alguns minutos de suas aulas ao meu trabalho.

À minha namorada Marília, agradeço todo o apoio nestes cinco anos. Sem você, eu provavelmente não teria terminado o curso. Muito obrigado pela ajuda e pelo carinho.

“O homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconsciente participa também da vida de sua época e dos seus contemporâneos”.

Thomas Mann

RESUMO

Historicamente, a exploração do trabalho infantil no Brasil nunca foi entendida como particularmente nociva. Seja no Império ou na Nova República, o trabalho infantil foi entendido como uma forma de atividade benigna para crianças pobres. Isto mudou com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) promulgado no Brasil em 1990. Entretanto, mesmo com a criação dos Conselhos Tutelares e PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) ainda existem cerca de 16.016 mil crianças trabalhadoras no Sul – apenas na atividade de sapatos. A partir da leitura da teoria do por que crianças trabalham, este trabalho irá procurar demonstrar, no município catarinense de São João Batista, pólo calçadista, como se dá a exploração do trabalho infantil. Para contextualizar esta exploração, procuro fazer um histórico da produção de sapatos no município e demonstrar como ocorre a produção de sapatos hoje. Também há um perfil da criança trabalhadora.

Palavras-chave: Trabalho infantil; São João Batista; indústria de sapatos.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: MOTIVO DA INSERÇÃO PRECOCE NO TRABALHO EM GUARABIRA	17
Tabela 2: RENDA DO NÚCLEO FAMILIAR - 2006	28
Tabela 3: Qual é a sua idade? * O que você faz quando não está na escola?	32
Tabela 4: Qual é a sua série? * O que você faz quando não está na escola?	34
Tabela 5: Qual é o seu sexo? * O que você faz quando não está na escola?	35
Tabela 6: Qual é a sua cor? * O que você faz quando não está na escola?	36
Tabela 7: Você mora com? * O que você faz quando não está na escola?	37
Tabela 8: Qual é a atividade do seu pai? * O que você faz quando não está na escola?	38
Tabela 9: Qual é a atividade da sua mãe? O que você faz quando não está na escola?	39
Tabela 10: Qual é a escolaridade do seu pai? * O que você faz quando não está na escola?	41
Tabela 11: Qual é a escolaridade da sua mãe? * O que você faz quando não está na escola?	42
Tabela 12: Qual é a sua renda? * O que você faz quando não está na escola?	43
Tabela 13: Quantos irmãos você tem? * O que você faz quando não está na escola?	44
Tabela 14: Você é o filho? * O que você faz quando não está na escola?	45
Tabela 15: Onde você nasceu? * O que você faz quando não está na escola?	46
Tabela 16: Você gosta de ir para a escola? * O que você faz quando não está na escola?	48
Tabela 17: Você gosta do trabalho? * O que você faz quando não está na escola?	49
Tabela 18: Quantas horas você trabalha por dia? * O que você faz quando não está na escola?	51
Tabela 19: Com que idade você começou a trabalhar? * O que você faz quando não está na escola?	52
Tabela 20: Qual é o seu sexo? * Você gosta do trabalho?	53
Tabela 21: Qual é a sua idade? * Quantas horas você trabalha por dia?	54
Tabela 22: Quantos irmãos você tem? * Quantas horas você trabalha por dia?	55
Tabela 23: Qual é a sua série * Qual é a sua idade?	56
Tabela 24: O QUE VOCÊ FAZ FORA DA ESCOLA	61
Tabela 25: QUAL É O SEU SEXO?	61
Tabela 26: QUAL A SUA IDADE?	62
Tabela 27: QUAL É A SUA COR?	62
Tabela 28: QUAL A SUA SÉRIE?	63
Tabela 29: VOCÊ MORA COM?	63
Tabela 30: QUAL É A ATIVIDADE DO SEU PAI?	64
Tabela 31: QUAL É A ATIVIDADE DA SUA MÃE?	64
Tabela 32: QUAL É A ESCOLARIDADE DO SEU PAI?	65
Tabela 33: QUAL É A ESCOLARIDADE DA SUA MÃE?	65
Tabela 34: QUAL É A SUA RENDA?	66
Tabela 35: QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?	67
Tabela 36: ONDE VOCÊ NASCEU?	67
Tabela 37: VOCÊ GOSTA DE IR À ESCOLA?	68

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: ETAPAS DA PRODUÇÃO DE SAPATOS EM SÃO JOÃO BATISTA.	24
Ilustração 2: TIPOS DE ATELIÊS	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E CRIANÇAS TRABALHADORAS	4
1. O Significado da Exploração	4
2. A noção de criança na História	7
3. Infância no Brasil: uma questão de classe social	9
POR QUE AS CRIANÇAS TRABALHAM?	14
1. Razões das crianças trabalharem: principais autores	15
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL EM SÃO JOÃO BATISTA	20
1. O município de São João Batista e a origem de sua indústria de calçados.	20
2. A inserção da criança na produção de sapatos: a pesquisa de campo em São João Batista	21
O QUESTIONÁRIO	30
1. Sobre o universo pesquisado:	30
Primeiras Correlações	32
Segundas Correlações	53
CONCLUSÃO	57
ANEXO	61
ANEXO 2	69
BIBLIOGRAFIA	73

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar quais são as condições sociais que possibilitam a exploração do trabalho infantil no município de São João Batista.

Para operacionalizar a pesquisa, procurei fazer um trabalho de campo no município catarinense, dando ênfase à forma que ocorre a produção de sapatos atualmente. A razão disto é a seguinte: a criança trabalhadora não está mais na grande fábrica (como no século XIX), mas sim no seu próprio domicílio, trabalhando junto com os seus pais e produzindo sapatos para terceiros.

Sem compreender todo o processo de produção (suas etapas) e descrevê-lo, a pesquisa ficaria presa apenas a uma questão de oferta de trabalho infantil e não de sua demanda.

Porém, também trato da oferta de mão de obra infantil no município. Com a ajuda de um questionário, foi possível montar o perfil da criança que trabalha.

Para pensar o objeto de pesquisa, as principais categorias usadas foram a “exploração do trabalho” e “infância”. Utilizei o termo marxista de exploração (mais-valia e classe operária): a apropriação do excedente do trabalho da classe trabalhadora, pela classe detentora dos meios de produção. Para analisar o segundo (infância) parti de autores que lidam com a história social da infância, como Áries e Perrot. Ambos procuram demonstrar a transformação (ou invenção) da infância desde tempos passados. Logo, achei importante expor suas observações, já que meu trabalho só faz sentido dentro de um contexto onde a criança é valorizada e protegida.

Por que crianças trabalham? Qual é o perfil dessas crianças que trabalham? Como ocorre a produção de sapatos? Estas foram algumas das perguntas norteadoras que orientaram o trabalho.

Como a pesquisa trata da exploração do trabalho infantil no município de São João Batista, os capítulos foram separados seguindo a linha de raciocínio do título: o primeiro trata do significado da “exploração” em Marx, a construção da infância no Ocidente e, por último, como a infância no Brasil não pode ser separada da questão de classe social.

No segundo capítulo trato dos principais teóricos e pesquisas que tratam do tema “trabalho infantil”. A necessidade deste capítulo está ligada com a própria montagem do

questionário: a comparação entre o que foi escrito sobre o trabalho infantil (a teoria) e o resultado prático das respostas das crianças.

O terceiro capítulo trata da inserção da criança na produção de sapatos. Para isto, faço uma pequena biografia do município, em especial da indústria de sapatos que remonta ao início do século XX. Este capítulo foi construído quase que inteiramente a partir de um trabalho de campo. Explico ao leitor como ocorre a produção de sapatos hoje em São João Batista, e como esta forma peculiar de produção (utilização de ateliês) possibilita a inserção da criança no trabalho.

Por último temos o questionário. O questionário foi respondido por 519 crianças, sendo que destas, 137 trabalham. Com a ajuda de correlações, tentei apresentar da forma mais direta possível, quem, afinal, são essas crianças – sua idade, sexo, série, cor, se mora com os pais ou avós, qual a atividade dos pais, escolaridade dos pais, renda, quantos irmãos têm, se é filho mais velho, cidade natal, se gosta de ir à escola e atividade fora da escola. Deixei em extenso, para facilitar o leitor, as principais observações das tabelas.

Exploração do trabalho e Crianças trabalhadoras

Analisar a exploração do trabalho infantil em São João Batista é discutir, inevitavelmente, duas categorias interligadas: classes sociais e infância.

Neste capítulo procuro apresentara que a exploração do trabalho infantil só faz sentido se forem levadas em conta classes socais distintas. Infância só pode ser analisada se não cair-mos numa tentação de naturalizá-la, demonstrando que há uma longa história social da criança.

1. O Significado da Exploração

Marx considerava o trabalho como natural do homem. Mas isso não significa que Marx via o trabalho dentro do contexto burguês como natural. Como este afirma foi preciso muita violência de Estado e vários séculos para que o trabalhador passasse a consentir a venda de sua força de trabalho (MARX, 2006, p.313).

Em relação ao trabalho é célebre a afirmação de Marx de que: “(...) o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade” (MARX, 2006, p.211-212).

Há três modos (que se completam) de analisar o trabalho na sua forma geral. Primeiro, o trabalho é a transformação da natureza. Não há um trabalho humano, que não se funde neste pressuposto, do mais primitivo, ao mais avançado. Segundo, é onde o homem objetiva sua existência. Terceiro, o homem ao transformar a natureza, transforma a si mesmo (MARX, 2006, p. 211).

As três faces do trabalho não nos separam dos animais. O que nos separa é a pré-ideação do trabalho. Nenhum arquiteto, nem mesmo o pior dos arquitetos inicia uma obra de forma espontânea ou “instintiva”. O trabalho humano é pré-ideação, pelo uso da sua consciência humana - uma atividade auto-governada, inexistente no mundo animal.

No capitalismo, o trabalho é criador de mercadorias, mas, acima de tudo, criador de mais valor que o seu próprio, produtor de trabalho excedente, mais-valia. O trabalho assalariado (não proprietário) é a perpetuação da propriedade privada capitalista. Este é o significa de exploração.

Marx (1974 p.122) advertiu que “população” é uma abstração se ignorar-mos as classes sociais que a compõem. Para que a categoria “criança” no contexto desta pesquisa não tenha um caráter ambíguo, por ser um conceito muito abrangente, devo estabelecer de qual criança estou me referindo em relação a sua classe – ou seja, devo tratar de que classe esta pertence e o que significa pertencer a esta.

Trotsky definiu classe como a: “(...) posição econômica no interior da sociedade é o que caracteriza as classes, principalmente através das relações com os meios de produção” (TROTSKY, 1981, p.160).

Seguindo a lógica de Marx, classe estaria ligada à produção da existência e à divisão do trabalho. À separação entre aqueles que detêm os meios de produção e aqueles que não os detêm. Marx afirma que “na produção capitalista, o trabalhador é não-propriedade das condições de produção; [não é] nem [proprietário] do campo que lavra, nem do instrumento com que trabalha” (MARX, 1974, p.327).

Então, a criança que trabalhava, desde o surgimento da indústria e da classe burguesa, era a criança pobre que pertencia à classe operária e não a “criança” – ser meramente biológico, construção histórica.

Há vários relatos, principalmente de observadores socialistas, das precárias condições das crianças trabalhadoras na Europa do século XIX.

London, por exemplo, ao pesquisar a condição da classe trabalhadora na Inglaterra do século XIX, fingindo ser um mendigo, ficou impressionado com a condição desoladora dessas. Este afirma:

[As crianças] morrem como moscas e, aquelas que sobrevivem, sobrevivem porque possuem excessiva vitalidade e enorme capacidade de adaptação à degradação que as rodeia. Não tem vida doméstica. Nas tocas e covis em que vivem estão expostas a tudo o que existe de obscuro e indecente” (LONDON, 2004, p.285).

Marx deu relevo especial ao emprego da mão de obra infantil, oriunda da classe trabalhadora na grande indústria. Nesse sentido, seus comentários são ambivalentes para esta pesquisa.

De um lado, alguns de seus comentários não se aplicam à realidade inglesa e brasileira contemporânea. Por exemplo: o Brasil do início do século XXI não se assemelha às condições sociais ou econômicas da Inglaterra do século XIX.

O trabalho infantil não assume a mesma forma, pois este foi eliminado totalmente da vitrine do capital: a grande fábrica. Basta analisar com cuidado um depoimento, e a transformação do contexto histórico salta aos olhos: “Às 2, 3 e 4 horas da manhã, as crianças são arrancadas da cama imundas e obrigadas a trabalhar até as 10, 11 ou 12 horas da noite, para ganhar o indispensável à mera subsistência” (MARX, 2006, p.283).

No entanto, quando se trata do trabalho doméstico, familiar, Marx é ainda contemporâneo. Não há um traço de anacronismo. Como veremos nos próximos capítulos, analisando o comentário de Marx e tirando este do contexto, fica difícil imaginar se ele está se referindo ao trabalho em domicílio da Inglaterra do século XIX ou de uma pequena cidade no interior de Santa Catarina do século XXI:

[...] o trabalho a domicílio, onde a irregularidade é a regra, depende, quanto às matérias-primas e às encomendas, inteiramente dos caprichos do capitalista, que, no caso, não precisa levar em conta a depreciação de construções, de máquinas etc. nada arrisca além da pele dos próprios trabalhadores (MARX, 2006, p.543).

Como afirmei acima, Marx tratou da exploração do trabalho infantil. Para este, dentro da concepção capitalista, as máquinas viraram a força mais importante para prolongar a jornada do trabalho ao limite e expulsar da fábrica uma grande quantidade de homens (MARX, 2006, p.460).

Dentro deste contexto surge o trabalho infantil no século XIX: a desnecessidade da força física tornou possível o emprego maciço de crianças, depreciando o valor da mão de obra (MARX, 2006, p. 451).

Não estou afirmando que apenas com o surgimento da classe burguesa crianças foram postas para trabalhar em condições precárias. Sem dúvida existem relatos de emprego de crianças anteriormente, como na Idade Média.

Nem estou afirmando que para Marx fossem as “máquinas” que possibilitaram o emprego de crianças. Não se trata de uma ira irracional de Marx, ou um *luddismo* contra o surgimento dessas. Marx afirma que estas facilitam o processo de trabalho, mas dentro do contexto capitalista, elas assumem outra forma, sendo uma arma para aumentar a intensidade da exploração do trabalho (MARX, 2006, p. 503).

Mas a noção infância que temos hoje, não é a mesma do século XVI ou XIX. Uma criança que nasce hoje se depara com um tratamento legal, emocional e familiar distinto do que anterior. Tratarei disto abaixo.

2. A noção de criança na História

Antes de falar da infância no Brasil, é importante demonstrar que a infância no mundo Ocidental não foi sempre a mesma. Qualquer pesquisa que trate de “criança” deve – para não cair numa armadilha a-histórica – demonstrar que o termo passou por uma grande mudança desde tempos remotos.

O termo exato para lidar com a “infância” não seria mudança, mas sim *invenção* – seja nos costumes, seja no vestuário.

Como afirma Áries:

No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, aliás, na maioria das civilizações arcaicas (ÁRIES, 1981, p.51).

Infância enquanto um período de aprendizado e proteção pertence ao imaginário burguês do século XIX – antes deste século não havia nem mesmo no dicionário o substantivo “criança” para a espécie humana, usado antes apenas para crias, animais (MAUAD, 2000, p.140).

Não havia, o que seria visto como abominável no dias atuais, o desejo de guardar retratos, seja de uma criança viva que havia se tornado um adulto, ou mesmo de uma criança morta. No primeiro caso, (da criança viva) demonstra que a infância não tinha importância alguma – não merecia ser lembrada. No segundo caso (da criança morta) se deve ao fato de que muitas crianças morriam nos seus primeiros anos de vida (isso só foi terminar em parte durante a segunda metade do século XX) e não fazia sentido se apegar a um ser que morreu sem falar sua primeira palavra (ARIES, 1981).

Como observa Áries: “(...) foi somente no século XVIII com o surgimento do malthusianismo e a extensão das práticas contraceptivas, que a idéia de desperdício necessário desapareceu” (ÁRIES, 1981. p.57). Antes disso, perder dois ou três filhos não era visto como anormal, mas como parte da vida humana.

Seja no mundo da arte, seja no próprio vestiário, não havia uma distinção clara entre uma criança e um adulto. Essa distinção não foi criada no século XIX, mas sim no século XVII. Mas não em qualquer criança – mas sim na criança nobre, burguesa e do sexo masculino, que agora não recebia as mesmas roupas que seus antepassados. Essa nova sensibilidade nas classes altas marcou a primeira forma de separação do que era apropriado para uma criança fazer (e vestir) e o que era apropriado a um homem. Nesta fase germinal, surge o uniforme da criança: o vestido longo. Este vestido era nada menos que o vestido usado por adultos, numa fase mais antiga, antes do traje curto, que o substituiu (ARIES, 1981).

Porém, isso não significou que a criança fosse vista apenas como um homem pequeno – o vestido longo foi a criação de um uniforme, separando e excluindo a criança do mundo dos homens.

O filho, no contexto burguês do século XIX significava uma promessa e um investimento – ele ocupava o centro da família. Caberia aos pais mostrar afeto ao seu filho, e também uma nova forma de proteção: tanto econômica e educativa quanto existencial.

Isto significa que houve uma mudança drástica na forma de perceber a criança – agora, um acontecimento de primeira ordem, cuidadosamente planejado: a gravidez deliberada, uma manifestação da, “tomada de consciência da criança e de tudo o que ela implica, notadamente no que diz respeito à sua educação” (PERROT, 1999, p.150).

Muito diferente do século XVI, quando:

Na eminência de um naufrágio, coisa comum e corriqueira [...], em meio à confusão e desespero do momento, pais esqueciam seus filhos nos navios, enquanto tentavam salvar suas próprias vidas (RAMOS, 2000, p. 20).

Agora caberia então à mãe, e não ao pai, a educação e cuidado da criança em sua fase “assexuada”, quando as diferenças do sexo ainda não foram feitas pela sociedade na qual elas se encontram. Isto pode ser visto pelo modo que as crianças, de qualquer classe social se vestem até os três anos de idade: camisolas, cabelos compridos.

Em comparação ao nosso modelo atual de educação público ou privado, que despreza qualquer forma de violência física como forma de aprendizado, havia, no contexto oitocentista, uma preferência por várias formas de abuso – em especial com as escolas religiosas, que foram as últimas a abandonar esta prática.

Nos meios burgueses do século XIX, bater no filho já era visto cada vez mais como uma forma primitiva de educação, pois, esta forma era mais forte no campo e nas classes populares urbanas.

Mas, seguindo a lógica de divisão de classes sociais, o nascimento de uma criança no âmbito da família nuclear burguesa não era similar ao modo que o nascimento da criança era dado na família proletária. O caso da infância brasileira é exemplar.

3. Infância no Brasil: uma questão de classe social

Trazendo a questão de classe e infância para o Brasil, ambas sempre estiveram amarradas. A criança nunca foi entendida como meramente um ser biológico que necessita de proteção – em primeiro lugar a sua classe era o fator determinante de suas possibilidades e direitos.

A forma mais visível de analisar a divisão de classe entre as crianças brasileiras não é necessariamente a cor da pele. Mesmo sendo um fato que os negros no Brasil representam ainda a camada mais pobre, desde 1888, a divisão do trabalho não ocorre obrigatoriamente pela cor da pele.

Entretanto, negar a herança escravista (no passado recente brasileiro) não é uma lógica válida para esta pesquisa. Muitas das condições precárias do período do século XIX se mantêm atualmente. Segundo Góes e Florentino, as crianças escravas:

[...] haviam de ser batidos, torcidos, arrastados, espremidos e fervidos. Era assim que se criava uma criança escrava. Por volta dos 12 anos, o adestramento que as tornava adultos estava concluindo. Nesta idade, os meninos e as meninas começavam a trazer a profissão por sobrenome: Chico Roça, João Pastor, Ana Mucama (GOES; FLORENTINO, 2000, p. 184).

Este “adestramento” (bater, torcer, arrastar, etc.) é meramente uma analogia com a produção de cana-de-açúcar. O que demonstra que em termos de educação e direitos, as crianças escravas eram vistas como uma mera mercadoria.

Já as crianças nobres passavam por outras formas de vivência. Começando pela educação: piano (principalmente para as garotas) francês, inglês, literatura e um enumerado de atividades que, em suma, eram idílicas. Maduras estariam prontas para

uma vida como líderes, senhores de engenho, médicos, jornalistas e outras profissões liberais. Qualquer atividade que não envolvesse “sujar as mãos”.

Reforçando esta tese:

O período imperial brasileiro gradativamente reconhecia a infância como etapa específica do desenvolvimento. No entanto, esta descoberta não significou imediatamente a valorização indistinta da criança como elemento prospectivo de humanidade. *Antes disso, serviu para demarcar uma radical diferença de classe*, privilegiando as crianças da elite mediante o reconhecimento de uma identidade própria e particular que se afirmou diante dos demais segmentos estigmatizados como órfãos, expostos, menores, delinqüentes, ou seja, figuras representativas do desvalor atribuído aos meninos e meninas das classes populares. [grifos são meus] (CUSTÓDIO, 2006, p. 29).

Entretanto, não desprezo outro fator importante para a divisão no trabalho: o gênero. Para os meninos nobres a educação servia como um rito necessário para uma vida de liderança, para as meninas:

[...] educação [...] ao mesmo tempo que as circunscrevia no universo doméstico, incentivando-lhes a maternidade e estabelecendo o lar como seu domínio, as habilitava para a vida mundana, fornecendo-lhes elementos para brilhar na sociedade (MAUAD, 2000, p. 155).

Mas a questão de gênero apenas faz sentido na elite brasileira: crianças escravas trabalhavam de qualquer jeito, independente da sua sexualidade.

O período histórico que deixou de forma mais clara que a criança trabalhadora não tinha o mesmo direito que a criança burguesa foi durante a República Nova (1889-1930). Começando pelo Código de Menores. Sua função tem uma característica peculiar no direito: enquanto os direitos das crianças em geral são postos para a sua proteção, este procurava puni-las por supostos desvios. Foi formulado o termo menor de “situação irregular”¹.

O 2º artigo afirma:

¹ “A cultura política brasileira sempre procurou resolver as questões relativas à infância pela via da institucionalização. A concepção jurídica e política do menorismo foi uma ferramenta eficiente na resolução de problemas pelo caminho do avesso da cidadania, instituindo práticas recorrentes através do internamento das crianças empobrecidas” (CUSTÓDIO, 2006, p.109).

para os efeitos deste Código considera-se em situação irregular o menor: I. privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente em razão de: a) falta, ação ou omissão, dois pais ou responsável; b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las; II. vítima de maus-tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsáveis; III. em perigo mortal, devido: a) encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes; b) exploração em atividade contrária aos bons costumes; IV. privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável; V. com desvio de conduta em virtude de uma grava inadaptação familiar ou comunitária; VI. autor de infração penal.

Analisando com cuidado o Código é interessante notar que ele não menciona necessariamente “direitos”, mas “punições de desvio” e irregularidade. Um leitor cuidadoso poderia afirmar que há um exagero, já que o Código também fala de maus-tratos em “atividades contrária aos bons costumes”.

Não há nenhum traço de exagero. As atividades que na época iam contra os bons costumes não eram a exploração na fábrica têxtil (em 1912, no Estado de São Paulo, dos 9.216 empregos nesta indústria, 2935 tinham menos de 16 anos²), mas apenas em indústrias que lidavam com álcool – considera imoral para uma criança ficar perto deste tipo de ambiente.

O melhor exemplo (pela sua persistência na realidade brasileira) da clara importância que a classe da criança tem na sua formação e perspectiva, ainda é a pedagogia do trabalho: crianças da classe trabalhadora devem começar a trabalhar desde pequenas, caso contrário, sua índole que seria naturalmente criminosa, iria levá-los ao mundo do crime.

Segundo Passeti, de 1889 até 1919:

[a] criança pobre [foi] vista como uma criança potencialmente abandonada e perigosa, a ser atendida pelo Estado. Integrá-la ao mercado de trabalho significaria tirá-la da vida delinqüencial, ainda associada aos efeitos da politização anarquista e educá-la com o intuito de incutir-se a obediência (PASSETI, 2000, p. 355).

² RIZZINI, Irmã. “Pequenos trabalhadores do Brasil”. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000, p. 377.

Ocorreu uma mudança de comportamento, ou mentalidade, neste período: o trabalho foi entendido como enobrecedor (o que não era no Império) e o ócio como uma atitude perigosa.

O que houve foi a tomada de consciência da elite brasileira que com o fim do trabalho escravo, o homem livre (da classe trabalhadora) poderia simplesmente não trabalhar, caso desejasse. E as crianças, que antigamente como escravas trabalhavam aos seus senhores, passaram a vagar pela cidade (em especial São Paulo).

Para resolver esse problema social, parafraseando uma suposta frase de W. Luís, era necessária a polícia – e a fábrica. Durante o Império, por exemplo, a criança infratora era levada para algum local de encarceramento. Uma atitude muito comum a qualquer sociedade Ocidental.

Já durante a República, houve a obrigação dos infratores de trabalharem nas indústrias, aprendendo qualquer ofício. A recuperação/punição não era mais dada com o isolamento, mas sim com a tentativa de cooperação no trabalho. Em outras palavras, para as crianças da classe trabalhadora em primeiro lugar surgia o trabalho como atividade social – a pedagogia do trabalho. Já a educação propriamente dita para a classe trabalhadora nunca foi bem absorvida pela elite brasileira da República Nova.

Foi nesse período que começam os “recolhimentos”. Uma parcela que ainda não foi quantificada de crianças foi taxada de “vadios”, pois ficavam vagando pelas ruas. Sendo isto um crime, elas foram levadas a colônias agrícolas (ou fábricas) aonde:

Tentava-se a todo custo incutir naquelas mentes, hábitos de produção e convívio aceitáveis pela sociedade que os rejeitava. Por meio de contínuas seções de exercício físico, tentava-se doutrinar os jovens para uma vida mais regrada e condizente com os anseios de uma cidade pautada pela lógica da produção (SANTOS, 2000, p. 225).

O período da República Nova ainda é o período “chave” para compreender a “pedagogia do trabalho”. Foi o período da demolição dos cortiços no Rio de Janeiro, do ócio das crianças trabalhadoras como um crime e do trabalho como educação para as classes pobres. Por esse motivo dei tanta ênfase a este. E também porque acredito que essa situação, que elogia o trabalho infantil da classe trabalhadora não mudou, mesmo com a transformação na legislação.

Num artigo publicado na Folha de São Paulo, 10 abril de 2009, o secretário municipal do Trabalho e Desenvolvimento Econômico de São Paulo, Doutor Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque afirma que viveu “(...) recentemente uma triste e pungente experiência”³. A experiência triste que o doutor passou foi identificar nas fotos das “arruaças” na favela de Paraisópolis (SP) jovens de nove a 12 anos que antigamente trabalhavam como “pegadores de bola” de tênis na academia. Cito-o:

Nos períodos de ociosidade das quadras alugadas, [as crianças] brincavam alegremente entre eles, praticando o esporte e tomando gosto pela prática salutar da cultura física.

Não ganhavam salário, não tinha horário fixo nem obrigações a serem observadas. Apenas passavam seu tempo pegando bola e ganhando em troca alguns reais para suas pequenas despesas. [...]

Chamava-me atenção que o dono da academia exigia desses meninos que mostrassem seus boletins escolares e dava-lhes uma dura, chegando até mesmo a impedir que freqüentassem a academia enquanto não demonstrassem que suas notas eram adequadas.

Um dia, as autoridades baixaram no recinto e proibiram, sob alegação de trabalho infantil, que esses jovens continuassem naquelas condições.

Cumprindo as determinações da legislação trabalhista, que, como diz a sabedoria popular, lota boa parte do inferno apenas de boas intenções, nossos zelosos guardiões da lei não deram alternativas aos meninos pegadores de bola, a não ser perambular pelas esquálidas ruas da favela.

Como a ociosidade é a mãe dos vícios, pouco tempo depois, como pude constatar, aqueles meninos, já jovens adolescentes, acabaram engrossando as fileiras dos baderneiros e servindo de massa de manobra para os bandidos e traficantes daquela região. [...]

É triste ver que, por força de bem-intencionados dispositivos legais, aqueles jovens não puderam encontrar caminhos que evitassem que fossem transformados em meliantes e bandidos em potencial. [...].

Neste artigo pode ser constatado um discurso antigo, que ainda tem força no Brasil contemporâneo: crianças pobres deixadas sem trabalho têm uma tendência natural a causar problemas. Outra parte cômica do artigo é importante: o dono da

³ Um soco no estômago. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de abril. 2009. Tendências e Debates. A3.

academia, o mesmo que não pagava salário para crianças de nove anos, é um homem interessado na educação destas ⁴.

Desde 1889 até os dias atuais a forma de integrar a criança pobre, oriunda da classe trabalhadora, passou primeiro pelo trabalho e depois pela educação – em geral de péssima qualidade.

Sem dúvida houve vozes contrárias ao trabalho infantil desde 1889. Começando pelos anarquistas. Todas essas lutas desembocaram no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). O primeiro estatuto que regulamentou a infância produzido durante um período democrático no Brasil.

No seu 2º artigo afirma: “Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

Seu 5º artigo afirma:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

O artigo 60º, que regula o trabalho: é proibido o trabalho de menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Um progresso comparado com a “situação irregular” e da “pedagogia do trabalho”. Não há mais o viés de punição a uma classe social inteira, marginalizada legalmente.

Ao invés, disso parte da proteção integral da criança – independente da cor e classe.

Por que as crianças trabalham?

⁴ Este artigo do doutor Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque mereceu uma resposta do vereador de São Paulo Floriano Pesaro (PSDB) também publicado na Folha de São Paulo. Este afirma que o trabalho infantil não ajuda as crianças e apenas possibilita a perpetuação da miséria. Ver: Trabalho infantil é um soco no estômago. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de abril 2009. Tendências e Debates. A3.

Neste capítulo procurarei apresentar os principais autores que lidam com a exploração do trabalho infantil.

É necessário fazer esta discussão para o leitor compreender o objetivo do questionário (último capítulo): o teste das hipóteses levantadas por esses mesmos autores.

1. Razões das crianças trabalharem: principais autores

Não há grande discrepância entre os autores que lidam com a exploração do trabalho infantil em relação às quais seriam as principais condições sociais que levam uma criança a trabalhar. Todos os pesquisadores têm suas similaridades e originalidade em algum ponto.

A Organização Internacional do Trabalho lida com várias causas que possibilitam o trabalho infantil. Devido:

- Um reflexo da precarização no mundo do trabalho
- Empobrecimento da população: o trabalho infantil é uma forma de estratégia de sobrevivência.
- Condições atuais da sociedade brasileira, como a cultura do trabalho e baixa escolaridade.
- Lacunas da legislação brasileira ⁵.

Segundo Cipola (2001) há quatro principais fatores que levam a criança trabalhar: a) a pobreza que leva as famílias a ofertarem a mão-de-obra do filho muito cedo, b) a ineficiência do sistema educacional do Brasil, que torna a escola desinteressante para os alunos e promove elevadas taxas de repetência e evasão, c) o sistema de valores e tradições de nossa sociedade, marcado pela chamada “ética do trabalho”, d) o desejo de muitas crianças de trabalharem desde cedo.

Para Rizzini (2000) o que leva uma criança a trabalhar é: a) as crianças são vítimas da miséria, com isto seu trabalho é necessário para a manutenção do núcleo familiar; b) fatores culturais – a criança pobre deve trabalhar como uma forma de evitar o ócio e manter uma vida disciplinada; c) fatores individuais – apenas baixa renda e fatores externos (como os culturais) não podem explicar tudo, sendo assim, o próprio

⁵ Organização Internacional do Trabalho, *Aspectos qualitativos do trabalho infantil no Brasil*, Brasil, p. 15-16.

indivíduo, em busca de maior liberdade econômica procura o trabalho como forma de ter maior controle de sua vida.

Kassouf (2007) demonstra que há dezenas de variáveis possíveis: a) quanto maior escolaridade dos pais, menor a tendência de o filho trabalhar antes dos 16; b) o tamanho da família (quanto maior o número de irmãos mais novos, maior a tendência do irmão mais velho trabalhar); c) o sexo do chefe (uma família liderada por mãe solteira tem maior probabilidade de ter um filho trabalhando); d) idade em que os pais começaram a trabalhar e local de residência; e) pobreza e; f) “normais sociais” – os pais vêem com naturalidade o trabalho de seus filhos.

O que todos os autores diagnosticam, em síntese, é que certas famílias são mais propícias a ter crianças trabalhando do que outras, de acordo com o seu grau de vulnerabilidade social. A OIT lista as seguintes características que podem aumentar a possibilidade de uma criança trabalhar:

- Chefe de família ocupado, sem ter carteira assinada: eleva as chances do trabalho infantil em 2,8 vezes no meio rural e 1,75 vezes no urbano em comparação com aquelas famílias em que o chefe possui carteira assinada.
- Domicílios com chefes sem instrução e chefes com menos de 4 anos de estudo têm, respectivamente, 65% e 40% mais chances de ocorrência de trabalho infantil, comparativamente aos domicílios de chefes com mais de 4 anos de estudo.
- O desemprego do chefe de família faz aumentar o risco de ocorrência de trabalho infantil em 44% na zona rural. Na zona urbana ocorre o inverso, há 24% a menos de chance de existir trabalho infantil naquelas famílias onde o chefe está desempregado, comparado com um que está empregado.
- O chefe de família ser negro aumenta em 12% a ocorrência de trabalho infantil na zona urbana e diminui em 15% no meio rural, comparado com um branco.
- A renda do chefe de família: na zona urbana quem ganha menos do que 0,5 salário mínimo tem 81% mais chances de ter alguma criança da

residência trabalhando do que chefes com rendimento superior a 1,5 salário mínimo⁶.

A renda familiar é provavelmente a principal variável para analisar o trabalho infantil. A pesquisa “O Trabalho Infantil na Atividade Informal Urbana em Guarabira”⁷ demonstra isto –, rara pesquisa sobre trabalho infantil que realmente procurou analisar os principais motivos para a inserção da criança no trabalho, perguntando a estas mesmas. Reproduzo abaixo o gráfico, com as questões respondidas pelas próprias crianças, de quais foram a principal razão da sua inserção no trabalho.

Tabela 1: MOTIVO DA INSERÇÃO PRECOCE NO TRABALHO EM GUARABIRA

Motivo da inserção	n	%
Necessidade Financeiras	50	63,3
Rede de relações que oportuniza	20	25,3
Cultura	6	7,6
Prazer no trabalho	3	3,8
Total	79	100,0

Fonte: (OIT, 2006)

Como podemos ver pela tabela 1, 63,3% das crianças trabalham por necessidades financeiras, para ajudar no rendimento familiar. E apenas 3,8% afirmam que foi pelo prazer no trabalho.

Em contraste, a situação do trabalho infantil no meio rural é diferente. Como resume a OIT:

“(...) o trabalho infantil na cidade tende a ter a pobreza como fator determinante, enquanto, no campo, poderiam estar intervindo a pobreza e também fatores de natureza cultural, como, por exemplo, a tradição familiar e as formas de propriedade agrícola” (OIT, 2004, p.31).

⁶ Organização Internacional do Trabalho, **Aspectos qualitativos do trabalho infantil no Brasil**, Brasil, 2004, p. 24.

⁷ Organização Internacional do Trabalho, **O Trabalho Infantil na Atividade Informal Urbana em Guarabira**, Brasil, 2006.

Todos os autores definem “fatores culturais” (normais sociais, pedagogia do trabalho) como uma possível variável que influencia na utilização do trabalho infantil. Não desmereço esta possibilidade. Mas acredito que têm seus defeitos.

Cito a OIT:

As concepções favoráveis ao trabalho infantil são generalizadas na sociedade brasileira. Sempre foram. Se, por um lado, o trabalho de crianças e adolescentes representa uma possibilidade de aumento de rendimentos (monetário ou não) para as famílias pobres; por outro, *para as camadas mais ricas da população, além da função óbvia de manter rebaixado o nível geral de remuneração dos trabalhadores, o trabalho infantil representa uma certa segurança, na medida em que atua com uma modalidade de controle social sobre “as classes perigosas”* (OIT, 2004, p.37) [grifos são meus].

A noção de “cultura do trabalho” é uma condição social importante para compreender a exploração do trabalho infantil. Como vimos no primeiro capítulo, há uma “pedagogia do trabalho” desde 1889 no contexto brasileiro. Porém, o seu defeito é fazer a “cultura” (ou “normais sociais”) parecer uma necessidade questão de vontade pessoal, sem levar em conta a pobreza.

Não posso desconsiderar a “cultura do trabalho”, mas creio que esta é mais perceptível em áreas rurais, onde a criança é imprescindível na produção. No entanto, o mesmo não vale necessariamente para São João Batista. Não basta que existam apenas “concepções favoráveis” ao trabalho infantil para que as crianças trabalhem. Como veremos no próximo capítulo, a criança trabalha porque existe a condição material (indústria de calçados) que possibilita a inserção desta.

Creio que o termo mais exato também não seria “cultura”, mas sim ideologia dominante. Afinal, esta “cultura” seria um discurso da classe dominante, com o intuito de fazer o seu interesse geral de classe ser aceito como interesse geral. Esta é a própria noção de ideologia dominante em Marx.

Uma pena que quase todas as análises teóricas que tratam do trabalho infantil dêem ênfase desproporcional para a *oferta* do trabalho infantil: pobreza, escolaridade dos pais, fatores culturais, desejo de independência, tamanha da família. E pouco trate da demanda: a forma como ocorre a produção de mercadorias que possibilita a inserção da criança no mundo do trabalho.

Como afirma a OIT:

a pobreza e outras características familiares, como educação dos pais e números de irmãos, certamente encontram-se entre os determinantes do trabalho infantil. *Não se deve, porém, esquecer que o trabalho infantil depende também da dinâmica do mercado de trabalho* (OIT, 2004, p.23).

Nesta pesquisa teremos os dois: tanto a produção de sapatos (demanda) quanto a oferta – pelo questionário, respondido diretamente pelas crianças – poderemos analisar qual é o perfil da criança trabalhadora.

Abaixo trato de como ocorre a produção de sapatos em São João Batista. E no capítulo seguinte, a resultado dos questionários.

Exploração do Trabalho Infantil em São João Batista

Neste capítulo, procuro fazer uma breve histórico de São João Batista - dando ênfase ao surgimento do pólo de calçados no início do século XX.

Depois, trato da inserção da criança no trabalho em domicílio. Escrever sobre o trabalho infantil em São João Batista, é escrever sobre a divisão do trabalho na indústria calçadista. Por isso, pode ficar a impressão que dei maior importância ao ateliê em si, do que à criança.

1. O município de São João Batista e a origem de sua indústria de calçados.

São João Batista é um município novo, fundado em 1958. A colonização (açorianos e mais tarde italianos) das suas terras ocorreu a partir de 1750.

Inicialmente, no final do século XIX, a sua principal forma de subsistência e produção era a terra fértil, a extração de madeira e os rios – engenhos de serra movidos a água.

No século XX, em especial em 1944, foi instalada a primeira usina de açúcar, obra de uma família tradicionais da região. Segundo fontes⁸ esta indústria foi a propulsora do primeiro pólo industrial no município. Hoje a maior fonte de renda vem da indústria de calçados.

A origem da indústria de calçados é antiga. Antes mesmo de 1913, quando Aires Bernades e sua esposa abriram uma pequena loja de conserto de sapatos. Também no início do século XX (não há uma data precisa) a primeira sapataria foi montada pelo sr. Eleutério Domingos Vargas: contava com três empregados e fabricava dois pares de calçados por dia, num processo totalmente artesanal⁹. Sua pequena sapataria foi vendida, em 1930 para dois irmãos: Lindolfo e José Marcelino Pereira – esta foi a primeira sociedade para a produção de sapatos. Mais tarde Marcelino Pereira comprou a parte do seu irmão e montou na sua casa um ateliê.

⁸ Histórico de São João Batista. O Histórico de São João Batista é um pequeno documento produzido pelos professores de História da rede municipal.

⁹ Histórico de São João Batista.

Podemos notar reconstruindo a origem da indústria de calçados de São João Batista que inicialmente o sapato era feito em casa, num processo totalmente artesanal (não havia registro de máquinas) e em geral por irmãos ou cônjuges.

Hoje, São João Batista tem cerca de 22.089 mil habitantes. A indústria calçadista é o principal pólo industrial da região, contando com cerca de 150 fábricas de grande porte, sendo o maior pólo de calçados de Santa Catarina e o quarto maior do país ¹⁰. Em 2007 produziu um milhão e duzentos mil pares de sapatos mensalmente ¹¹, tendo um forte atrativo para migrantes do Rio Grande do Sul e Paraná em busca de empregos na indústria.

2. A inserção da criança na produção de sapatos: a pesquisa de campo em São João Batista

Segundo a OIT, a atividade de calçados na região Sul do Brasil emprega cerca de 16,016 mil crianças, de 5 a 17 anos – perdendo apenas para, em ordem crescente: mecânico, garçom/cozinheiro, condicionador, construção civil e empregado doméstico ¹².

Segundo o Ministério do Trabalho (2005) é no contexto desta atividade econômica que ocorre a exploração do trabalho infantil em São João Batista. A exploração infantil não ocorre mais na grande fábrica, mas sim na própria residência da criança, chamada de ateliê ou facção.

Esta residência não produz sapatos para consumo próprio. A residência constitui uma mera extensão (física, mas não legal), da grande fábrica – com a diferença, que é a ausência de direitos trabalhistas que o empregado de uma fábrica possui.

O trabalho infantil não pode ser separado do modo que a distribuição da produção de sapatos é feita, pois, a fábrica não contrata diretamente as crianças. Os pais, para aumentar a renda da família, fazem seus filhos “ajudarem” na produção – nos ateliês.

O que há, é uma *rede de recruta*. Termo usado pela OIT que é significa que:

¹⁰ Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/guia/sao-joao-batista-a-terra-dos-calcados>>. Acesso em: 28 de abril de 2009.

¹¹ Sindicato dos Trabalhadores de São João Batista, 2007.

¹² Organização Internacional do Trabalho, **Perfil do Trabalho Infantil no Brasil por regiões e ramos de atividade**, Brasil, 2004, p. 72.

“A entrada da criança e do adolescente e sua permanência nas atividades originais ou a mobilidade para uma outra atividade passam, na maioria das vezes, por uma rede formada, quer no seio da família, quer no grupo da comunidade em que residem” (OIT, 2006, p.52).

A característica da produção industrial de sapato em São João Batista, está assentada numa complexa divisão do trabalho, onde a grande fábrica não detém o “monopólio” da produção. Por exemplo: uma fábrica tem, em média, 100 ateliês produzindo pequenas partes do sapato ¹³.

Durante a pesquisa de campo, foi constante a afirmação entre autoridades públicas entrevistadas de que, quando se lida com esta divisão de trabalho, o trabalho infantil não está mais na “grande fábrica” ou na economia “formal”. No entanto, o resultado do trabalho infantil, aquilo que as crianças produzem nos ateliês, pode ser encontrado nestes locais.

De fato não há crianças trabalhando nas grandes fábricas de São João Batista – não podemos comparar com a situação do século XIX, no contexto europeu ou brasileiro. Porém, devemos ter em mente que o trabalho infantil está sim na grande fábrica – como trabalho humano abstrato, a substância do valor.

Essa visão “mosaica” da produção de sapatos é totalmente equivocada. Pesquisas que lidam com a exploração do trabalho infantil não levam em conta, de forma alguma, se o trabalho só ocorre apenas em um estabelecimento – como a fábrica – e não em outro. Pouco importa. O que importa é se estes estão ligados entre si pela troca; todos pertencem a um mesmo organismo. Ou olhamos a totalidade da cadeia produtiva – fábrica, ateliê/domicílio – ou ficaremos apenas com 1/3 do problema.

O debate intelectual entre economia “formal” e “informal” é extremamente contraditório. Bem como similar ao debate em torno da palavra “marginal” dos anos 60 e 70 no Brasil. Segundo várias escolas a favela era um espaço que não pertencia à cidade, um sujeito externo, que representava um risco social por ser potencialmente explosivo. O termo “marginal” se adequava para conceituar pessoas pobres. Entretanto, numa pesquisa em morros cariocas a autora Perlman (1977) concluiu que essas pessoas pobres estavam conectadas com a economia da cidade carioca, em especial, como força de trabalho barata. Tinham a característica de serem explorados por salários de miséria.

¹³ Quem afirmou que a média é de 100 ateliês por fábrica foi um gerente de produção de uma das maiores fábricas de São João Batista: está contava com quase 90 ateliês.

Do mesmo modo a economia “formal” necessita da “informal”. Não há qualquer antagonismo entre esses dois conceitos. Mesmo que seja uma relação de desiguais, ambos se completam. Nesse sentido, o mesmo é válido para a relação que existe entre a fábrica e o ateliê. Qualquer pesquisa que trate estes dois locais enquanto dimensões contrárias, de um lado o formal, e de outro o informal, está fadada a ter uma visão distorcida.

Porém, muitas vezes o ateliê e a fábrica se confundem. Durante a pesquisa de campo na cidade de São João Batista, ao visitar uma casa de madeira, relativamente pequena, com apenas quatro pessoas trabalhando, o dono do estabelecimento ficou surpreso quando chamei a sua residência de “ateliê”: para este, sua modesta casa era uma fábrica, pois produzia um sapato inteiro e não apenas a sola ou a cola.

Isso não quer dizer que a relação ateliê-fábrica seja uma tautologia. O ateliê é um ambiente familiar, com no máximo cinco pessoas trabalhando, na sua própria casa, e especializado em apenas uma parte do sapato. O maior diferencial entre um ateliê e uma fábrica, para aqueles que trabalham na indústria de sapato em São João Batista, parece ser a maneira de produzir: se uma casa produz um sapato inteiro, com apoio de algumas máquinas esta já é entendida como uma fábrica. Caso produza apenas a sola ou a cola, é um ateliê ¹⁴.

A fábrica descrita por Marx, com sua imensidão de trabalhadores – crianças, mulheres e homens – num edifício precário e sujo, com longas horas de trabalho e sem quase nenhuma forma de fiscalização do governo, ausência de direitos trabalhistas, não pertence mais à realidade de São João Batista.

A fábrica de calçados é limpa, relativamente pequena, sem nenhuma criança, com seus empregados tendo seus direitos respeitados. Algumas têm até mesmo creches e campos de futebol.

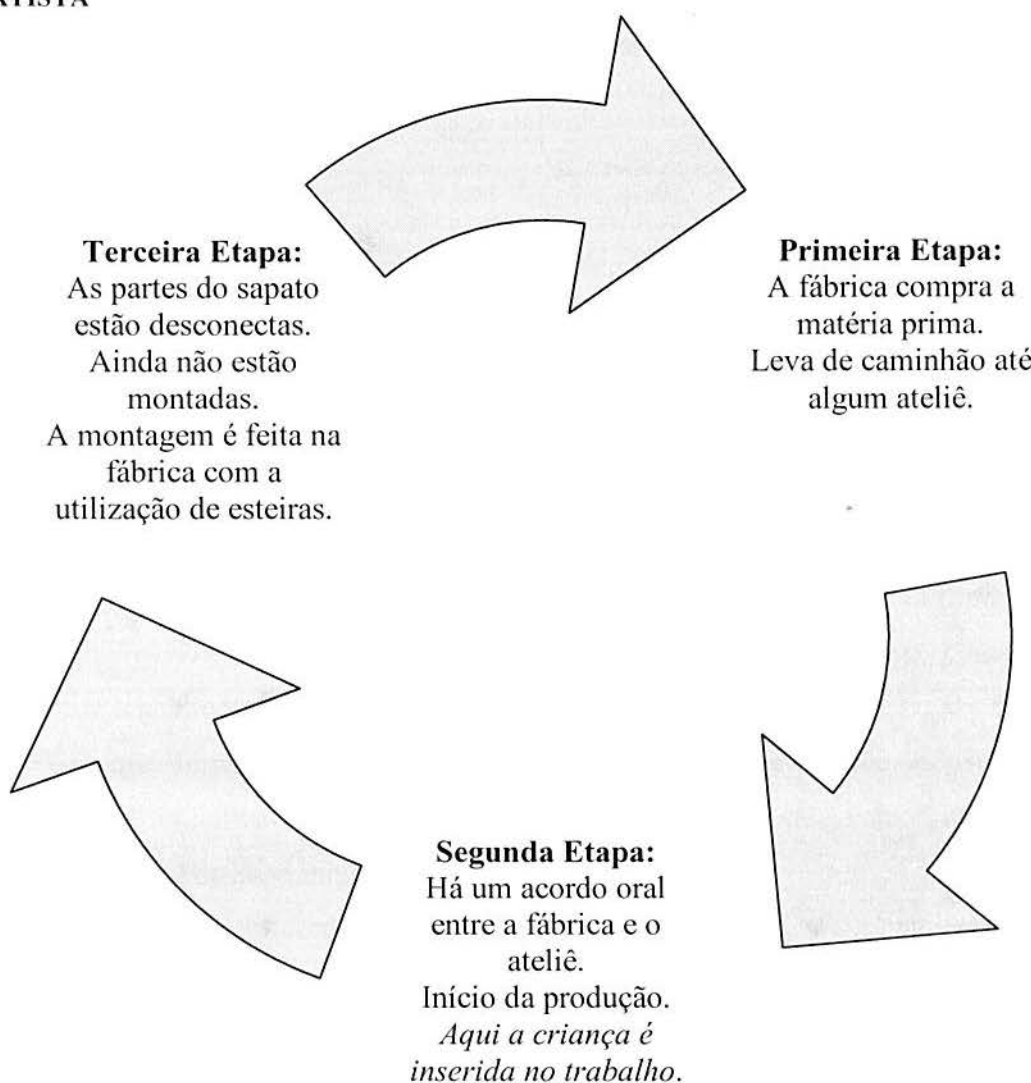
Houve, sem dúvida, uma grande transformação na noção do que seria uma “fábrica”. E o processo de volta para a indústria doméstica parece ser seu maior expoente.

Em São João Batista, o ateliê é um recurso encontrado pelos proprietários das grandes indústrias para fugirem dos impostos altos e dos direitos trabalhistas que vêm junto com a carteira de trabalho assinada e a regulamentação do processo de trabalho.

¹⁴ Por uma questão conceitual, quando me refiro à “fábrica”, quero dizer no seu sentido mais tradicional: um local relativamente grande, legalizado, e onde os empregados têm suas carteiras assinadas.

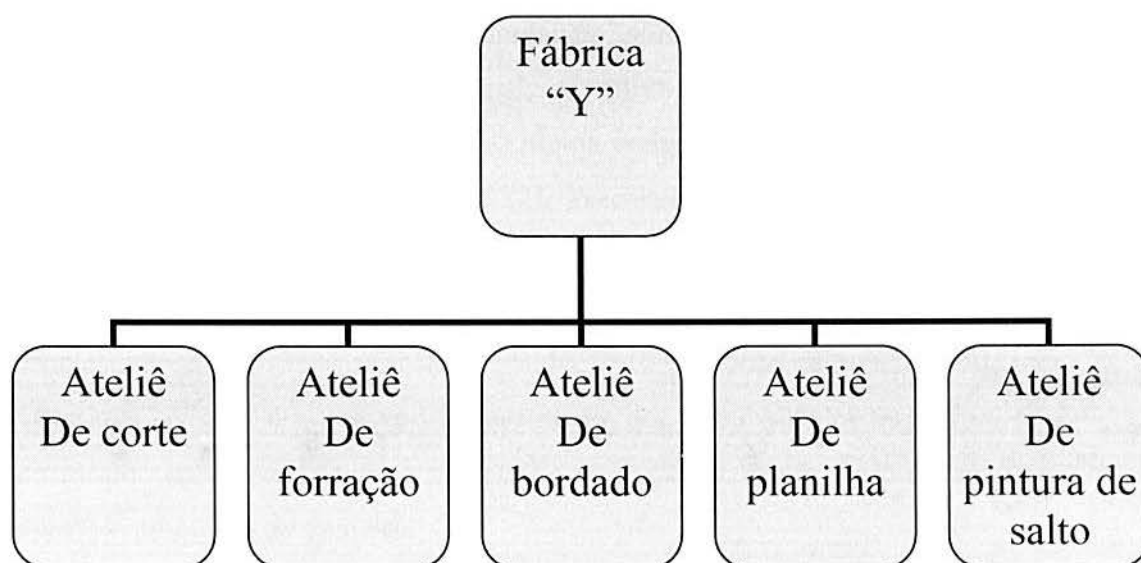
A produção de sapatos tem três estágios: no primeiro estágio, a fábrica compra toda a matéria-prima necessária para a produção; no segundo estágio, esta matéria-prima vai, de caminhão, até os ateliês (residências comuns) onde é feito um acordo oral entre as duas partes (fábrica e ateliê) com relação a quantos cortes ou forrações devem ser feitos por dia; o terceiro estágio (e único feito na fábrica) é a montagem do sapato – o seu acabamento final.

Ilustração 1: ETAPAS DA PRODUÇÃO DE SAPATOS EM SÃO JOÃO BATISTA



Não existe apenas um tipo de ateliê: mas sim cinco. Cada um tem uma função clara, como um grande organismo.

Ilustração 2: TIPOS DE ATELIÊS



Logo, o ateliê é uma forma de especialização. O exemplo mais claro é o ateliê de pintura de salto: existe apenas para um pequeno mercado em São João Batista.

Caso todos os direitos trabalhistas fossem respeitados, haveria perdas financeiras enormes para as empresas ditas “formais” – a grande fábrica. Por um motivo muito simples: a produção de sapatos é sazonal (de acordo com um gerente de uma fábrica entrevistado), ela produz essencialmente para o dia dos pais e para o Natal. Fora deste período, que vai de agosto até dezembro, há um outro período de baixa produção que vai de janeiro até março. Neste período se concentram as demissões – mas como o ateliê não existe legalmente, não há o que pagar.

O que impressiona, é que antes de ser um processo novo, constantemente chamado de terceirização, precarização ou flexibilização, o que vemos em São João Batista acontece desde o início do século XX.

A produção em domicílio, com a utilização de crianças, já ocorria em Franca em 1910 (em São João Batista não existe relatos de trabalho infantil nesta época). Como explica Navarro: “O trabalho familiar, sem remuneração individual dos membros da família, era o mais freqüente nas pequenas oficinas” (NAVARRO, 2006, p. 57).

Isso se deve, em grande parte, pelo fato de que a produção de sapatos é, de longe, a que mais carrega um histórico artesanal. Como observa Navarro, novamente: “Podemos afirmar que a confecção de calçados, em especial a de couro, permanece intensiva em trabalho vivo e é dependente de habilidades artesanais dos trabalhadores, adquiridas no exercício da profissão” (NAVARRO, 2006, p. 392).

O corte e a cola, e em especial, a montagem, ainda são feitos manualmente. A própria linguagem da produção é artesanal: a utilização de “ateliê”. Segundo o dicionário Aurélio, a definição de ateliê é: “Oficina onde trabalham em comum certos artesãos ou operários” (Aurélio, 1999, p.222). Precisamos prestar atenção em dois conceitos: a oficina (ao invés de indústria) e artesão.

Não quero dizer com isso que a produção de sapatos é artesanal, mas sim que há reminiscências, não apenas de linguagem na produção. A produção de sapatos ainda tem um eco artesanal. Porém, é necessário ter em mente que o trabalhador *individual* não detém, ou mesmo compreende toda a parcela da produção, cabendo a ele apenas uma pequena parte - nunca o sapato inteiro.

A facilidade de produzir certas partes do sapato em casa é o fator-mor para que a produção em ateliês, e o trabalho doméstico seja um sucesso. Em alguns casos, há apenas a necessidade de uma tesoura, agulha e uma sovela ¹⁵.

Cabe um esclarecimento importante para entender a exploração infantil em São João Batista: não há uma parcela individual de produção, ou seja, que uma pessoa possa produzir sozinha. Digamos 300 solas por dia. Há uma parcela geral de produção nos ateliês e nos domicílios – 3000 solas por dia.

Como afirmei acima, a fábrica não contrata diretamente crianças, mas sim os seus pais. Estes encontram nos filhos a possibilidade de ter mão de obra sem custo, diferente de contratar um vizinho, por exemplo. Toda a “renda” do ateliê fica com a família. Por isso o trabalho infantil é tão importante.

Isso significa que, já que o salário foi abolido, e esta senhora “x” ganha apenas por *peça*, a família inteira é levada a produzir sapatos, mantendo assim uma parcela maior dos rendimentos no âmbito familiar.

O fato do trabalhador não poder mais contar nem mesmo com o salário (que não seja por peça) é uma vantagem para a grande fábrica. Em primeiro lugar, não há contrato assinado, apenas verbal. Segundo, o número de peças é incompatível com a produção de um único homem – ou seja, a família iria necessariamente trabalhar, levando a uma maior produção. Terceiro, o custo da produção diminui bruscamente. Quarto, (como foi dito na p. 22) a produção de sapatos é sazonal, ou seja, quase toda a produção de São João Batista, é feita em especial para o dia dos pais e Natal - isso se deve em parte pela falta de exportação de sapatos brasileiros (no caso de São João

¹⁵ Instrumento para furar o couro e costurá-lo. Semelhante a uma chave inglesa, utilizado para furar o couro.

Batista) para os EUA, onde há três picos de venda. Depois desta, há uma decadência na produção, que numa fábrica hipotética, onde o trabalhador tem seus direitos respeitados e sem a contratação de ateliês, levaria a uma perda de lucros enorme para o empregador.

A possibilidade de ter trabalhadores, e ao mesmo tempo, não ter nenhuma relação contratual com eles, é uma vantagem que sozinha, já poderia fazer a balança do “custo e benefício” pender para o lado do empresário.

Há outra vantagem para os donos das grandes indústrias. Os trabalhadores invisíveis do ateliê, as crianças, não podem ser vistas ou fiscalizadas como numa fábrica comum, já que o processo de trabalho ocorre no âmbito familiar (e privado) de uma residência.

De fato, a exploração do trabalho infantil na residência da criança foi a que mais cresceu desde 1997 até hoje. Renato Mendes, representante da OIT no Brasil, ao ser questionado pela Folha de S. Paulo afirmou: “O fiscal tem atuação limitada quando se trata de fiscalização do trabalho doméstico. Há uma grande dificuldade de caracterizar uma atividade exploratória num trabalho dentro da própria casa ou mesmo na rua”¹⁶.

A síntese dessa relação é a instabilidade do trabalhador e de sua família. Sem a possibilidade de ter seus direitos trabalhistas respeitados e no caso da criança, a sua infância, a submissão do ateliê aumenta com a incapacidade dos fiscais fazerem a lei ser respeitada. Como explica Navarro:

Independente do seu porte, as bancas [como os ateliês são chamados em Franca] vão estar submetidas às indústrias de calçados: são prestadoras de serviço, recebem normalmente por peça e o volume de trabalho que realizam é aquele solicitado pelas indústrias, que também estipulam a remuneração pelo trabalho executado. O contrato estabelecido entre as indústrias e as bancas é apenas um contrato verbal, de pagamento por peça, podendo ser interrompido a qualquer momento, de forma a mais arbitrária possível (NAVARRO, 2006, p. 178).

Em 1990 a “instabilidade” aparece com algo novo, recebendo o nome de “terceirização” – mero neologismo. A abertura econômica iniciada com Collor levou a uma concorrência externa que a maioria das empresas de sapato não estavam preparadas.

¹⁶ Cresce total de crianças que trabalham em casa. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 de setembro. 2008. Caderno cotidiano. p. 4

A produção de sapatos nacional, que em 1989 era de 592 milhões de sapatos, só foi se recuperar em 1993 com 583 milhões de sapatos produzidos – até o ano de 2000 a marca de 1989 não foi recuperada (NAVARRO, 2006, p.394).

A busca de mão-de-obra barata, menos impostos e principalmente, menos direitos trabalhistas, tornou o ateliê uma categoria imprescindível para a produção. Sem eles, é questionável se a grande fábrica poderia se manter por longo tempo.

Entretanto, não é apenas o “ateliê”, ou a falta de fiscalização, que torna exploração infantil possível. A pobreza está diretamente relacionada com a exploração infantil em São João Batista, como podemos constatar na tabela abaixo, das famílias que recebem a bolsa PETI¹⁷ no município:

Tabela 2: RENDA DO NÚCLEO FAMILIAR - 2006

Renda	Quantidade	Porcentagem
Nenhuma renda	05	5,0%
Até 01 salário	34	33,3%
Até 02 salários	45	44,0%
Até 03 salários	13	12,7%
Até 04 salários ou mais	05	5,0%
Total:	102	100%

Fonte: (ALEXANDRE, 2006, p.81)

A renda familiar de pelo menos 82,3% das famílias não passa de dois salários mínimos, sendo que 5% não têm qualquer forma de renda. Portanto, não estamos falando de uma criança qualquer; mas de uma criança oriunda de núcleos familiares de baixa renda.

É importante agora voltarmos a Marx, pois este foi quem melhor analisou o antagonismo de classes na sociedade capitalista. Este observou com certa ironia que não eram os socialistas que estavam eliminando a propriedade assentada no próprio

¹⁷ O PETI, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, foi criado em 1996 no Brasil com o objetivo de, (pela assistência social do Governo Federal), retirar crianças e adolescentes de sete a quinze anos de idade do trabalho considerado perigoso, penoso ou insalubre. Foi implantado, em Santa Catarina, no ano de 1999, sendo implantado no mesmo ano no município de São João Batista. Atualmente o PETI está presente em 164 dos 293 municípios catarinenses, atendendo no total 23.222 crianças.

O PETI tem três eixos: A) a concessão da Bolsa Criança Cidadã (vinte e cinco reais mensais), b) a jornada ampliada para os garotos e garotas e c) trabalho realizado junto às famílias. Para que este programa funcione, é necessária a atuação do Governo Federal, do Governo Estadual, e do município – já que este é responsável pela contratação do pessoal.

trabalho, mas sim os próprios capitalistas (MARX, 2001, p.48). E logo depois define o proletário como aquele que “só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que seu trabalho aumenta o capital” (MARX, 2001, p.35).

No caso de São João Batista, há casos de filhos de donos de ateliês, que mesmo assim (sendo donos dos meios de produção, ou seja, da propriedade assentada no próprio trabalho) não escapam de ter seus filhos explorados. Mas por quem? Por eles mesmos? A resposta é negativa e entra aqui uma redefinição da classe proletariado em Marx.

Segundo Cohen:

“It is broadly true that the proletariat was formed when immediate producers were deprived of their means of production. But lack of means of production is not as essential to proletarian status as it traditionally maintained. It is better to say that a proletarian must sell his labour power in order to obtain his means of life. He may own means of production, but he cannot use them to support himself save by contracting with a capitalist” (COHEN, 2000, p. 72).

Pouco importa ser o dono legal de um ateliê, se esse ateliê só existe como um mero apêndice da fábrica – não é uma relação entre capitalista versus capitalista, mas ainda uma relação entre proletário e capitalista. Há um abismo entre uma relação *de jure* (ser o dono legal do ateliê) e uma relação *de facto* (estar diretamente subordinado a um capitalista).

A pobreza, renda baixa futura ou problemas em acompanhar os estudos, não é o maior perigo que uma criança trabalhadora corre. A sua saúde é o maior risco – é o perigo imediato. Mesmo na produção de sapatos, que envolve “apenas” o uso de cola e corte, o Ministério do Trabalho (2005) listou dezenas de riscos, tais como: fadiga física, dores musculares nos membros e coluna vertebral, lesões e deformidades osteomusculares, comprometimento do desenvolvimento psicomotor, irritação nos olhos e nas vias respiratórias, dermatites e danos neurológicos. Quando falamos em “danos” em crianças, devemos ter em mente que são, em sua grande maioria, irreversíveis.

O Questionário

1. Sobre o universo pesquisado:

Para analisar quais são os principais fatores que levam uma criança a trabalhar, parto do pressuposto que do lado da *demanda* está a forma que ocorre a produção de sapatos no município de São João Batista. O quarto capítulo tratou desta tese.

Mas como ficou claro no segundo capítulo, a maior parte da teoria sobre a exploração do trabalho infantil parte da *oferta* (quantos irmãos a criança tem, escolaridade da mãe, etc).

Logo, formulei um questionário que as crianças da Escola Municipal Alicia da Silva Gómez iriam responder¹⁸. O questionário trata da: idade, sexo, série, cor, se mora com os pais ou avós, qual a atividade dos pais, escolaridade dos pais, renda, quantos irmãos têm, se é filho mais velho, cidade natal, se gosta de ir à escola e atividade fora da escola.

Todas essas questões foram postas para que depois fosse possível trabalhar com correlações e identificar qual é o perfil da criança trabalhadora em São João Batista. Creio que montando o perfil, a atividade de combate, e mesmo de política pública, ficarão mais fáceis.

Ao todo, 519 crianças, da 4ª até a 8ª série responderam. 102 (19,6%) crianças afirmaram que trabalham em ateliês. 6 (0,8%) em fábricas de sapatos. 19 (3,6%) estão no PETI (ou seja, estavam trabalhando, mas largaram para ganhar a bolsa) e 3 (0,5%) estão no PETI e mesmo assim, trabalham em ateliês – o que é, obviamente, contra o objetivo do programa – 3 (0,5%) trabalham no SENAI (que dá aulas sobre a produção de sapatos) e outras 4 (0,7%) trabalham com os pais no comércio.

Somando, temos 137 (26,3%) crianças que afirmaram nos questionários que trabalham. Gostaria de lembrar ao leitor que vou trabalhar apenas com as crianças que trabalham nos ateliês (102 ao todo).

Antes de iniciar a leitura das correlações, gostaria de lembrar que eu tratarei apenas da criança que trabalho nos ateliês. Na tabulação dos questionários, surgiram outras formas de trabalho infantil, como babá, comerciante etc. Como estou fazendo um

¹⁸ Trabalhei com esta escola em especial por ser a maior da cidade. O fato de ela ser municipal também colaborou na minha escolha – não há mensalidade, a maioria dos pais das crianças trabalha na indústria de sapatos como operários.

estudo detalhado apenas sobre uma forma de exploração, resolvi ignorá-los. Todo caso, podem ser visto na tabela, apenas não serão postos em extenso.

Dividi as correlações em duas: na primeira, trato apenas do que as crianças fazem quando não estão na escola e outra variável. Na segunda, trato de outros temas sobre o universo.

Em anexo, para facilitar o leitor, deixei todas as frequências – sem distinção.

Primeiras Correlações

Tabela 3: Qual é a sua idade? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a sua idade?	9	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	10	3	0	5	0	0	0	0	0	8
	11	8	0	3	0	0	0	0	0	11
	12	19	1	6	1	1	1	1	0	30
	13	24	1	3	1	0	0	0	0	29
	14	26	1	1	1	0	0	1	2	32
	15	16	2	1	0	0	0	0	1	20
	16	3	1	0	0	0	0	0	0	4
	19	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	não respondeu	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a sua idade?” podemos notar que a idade com maior frequência no ateliê é aos 14, com 26 casos – representando 25,4% dos casos. Mais importante do que isto, podemos notar uma tendência crescente, daqueles que trabalham em ateliês, que vai dos 9 até os 14. Apenas depois há um movimento decrescente, voltando ao patamar similar aos de 12 anos, quando a criança chega aos 15. Todo caso, dos 12 até aos 15 anos temos 85 (83,3%) crianças que trabalham em ateliês. Mais 3 que estão no PETI e mesmo assim continuam trabalhando – mais aqueles 6 que trabalham em “fábricas”. Somando todos temos 93 crianças.

Tabela 4: Qual é a sua série? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a sua série?	4 série	7	0	6	0	0	0	0	0	13
	5 série	14	0	3	0	0	0	0	0	17
	6 série	24	2	4	1	1	0	0	0	32
	7 série	25	3	5	2	0	1	1	2	39
	8 série	32	1	1	0	0	0	1	1	36
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a sua série?” podemos notar que a série com maior frequência é a 8ª série, com 32 (31,3%) casos de crianças trabalhando em ateliês. Mas somando todas as formas de trabalho, como, ateliê, fábrica de sapatos, oficina e comércio, a 7 série aparece com o maior casos de crianças trabalhando em geral, com 39 casos (28,4%). Novamente podemos notar a tendência crescente do trabalho infantil com a série – dobrando da 4ª para a 5ª, ficando estável entre a 6ª e 7ª e aumentando na 8ª.

Tabela 5: Qual é o seu sexo? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é o seu sexo?	masculino	70	4	15	1	0	1	1	2	94
	feminino	32	2	4	2	1	0	1	1	43
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é o seu sexo?”, podemos notar que a criança trabalhadora é essencialmente do sexo masculino nos ateliês, com 70 (68,8%) casos ao todo – o sexo feminino tem 32 casos. Somando todas as formas de trabalho, os garotos representam 94 (68,6%) casos, contra 43 das garotas.

Tabela 6: Qual é a sua cor? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a sua cor?	branca	70	3	12	3	1	1	1	1	92
	negra	5	1	2	0	0	0	0	0	8
	mulata	15	2	3	0	0	0	0	1	21
	amarela	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	outra	12	0	1	0	0	0	1	1	15
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a sua cor?”, podemos notar que a maioria das crianças é branca, com 70 (68,6%) casos. A cor “mulata” ficou em segundo com 15.

Tabela 7: Você mora com? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Você mora com?	com meus pais	75	5	8	2	1	1	2	3	97
	apenas com o meu pai	2	0	0	1	0	0	0	0	3
	apenas com a minha mãe	17	1	9	0	0	0	0	0	27
	avós	2	0	2	0	0	0	0	0	4
	outros	6	0	0	0	0	0	0	0	6
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando as correlações entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “você mora com?” podemos notar que 75 (73,5%) das crianças que trabalham em ateliês moram com os seus pais. Sem dúvida um dado interessante, já que a noção de criança trabalhadora no século XIX estava ligada com o órfão. Entretanto, o número que moram apenas com a mãe (17 em ateliês e 27 no total de trabalhos) é alto comparado com os que moram apenas com o pai (2 e 3 no total).

Tabela 8: Qual é a atividade do seu pai? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a atividade do seu pai?	trabalha na indústria calçadista (ateliê)	24	1	2	0	0	0	0	0	27
	trabalha na indústria calçadista (fábrica)	32	4	3	1	0	0	0	1	41
	comerciante	2	0	1	1	0	1	1	0	6
	empresário	2	0	0	0	0	0	1	0	3
	desempregado	2	0	1	0	0	0	0	0	3
	outro	17	0	1	1	1	0	0	2	22
	não moro com o meu pai	22	1	11	0	0	0	0	0	34
	não respondeu	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Creio que está é uma das correlações mais importantes. Trata da variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a atividade do seu pai?”. Como podemos notar, 32 (31,3%) crianças que trabalham, tem os seus pais na fábrica de calçados. Enquanto 24 (23,5%) têm os seus pais trabalhando em ateliês. Somando, temos 56 casos – 54,9%. Ter o pai na fábrica de sapatos ajuda na inserção da criança no trabalho mais do que ter o pai desempregado. 22 crianças que trabalham em ateliês não moram com os pais e 17 responderam outro, somados dão 39 – 38,2%.

Tabela 9: Qual é a atividade da sua mãe? O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a atividade da sua mãe?	trabalha na indústria calçadista (ateliê)	28	3	3	0	0	0	0	1	35
	trabalha na indústria calçadista (fábrica)	23	3	4	1	1	0	0	1	33
	comerciante	3	0	0	0	0	0	1	0	4
	empresária	4	0	0	0	0	0	0	0	4
	dona de casa	19	0	6	1	0	1	1	0	28
	desempregada	2	0	1	0	0	0	0	0	3
	outro	13	0	2	0	0	0	0	1	16
	não moro com a minha mãe	10	0	3	1	0	0	0	0	14
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Outra correlação reveladora é esta acima. Analisando as correlações entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a atividade da sua mãe?” podemos notar que há uma pequena inversão do que ocorreu com a profissão dos pais: aqui, a criança com maior

freqüência é aquela que tem a sua mãe trabalhando em ateliês (não na fábrica). Ao todo, 28 (27,4%) crianças que trabalham em ateliês têm suas mães como funcionárias do mesmo. Seguido muito de perto por 23 crianças que tem suas mães trabalhando nas fábricas. Podemos notar claramente que a inserção da criança se dá no “âmbito familiar”, uma tese que levantei no quarto capítulo.

Tabela 10: Qual é a escolaridade do seu pai? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								S E N A I	Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comérci o			
Qual é a escolaridade do seu pai?	ensino fundamental (completo)	15	2	0	1	1	0	1	2		22
	ensino fundamental (incompleto)	42	2	6	2	0	0	1			53
	ensino médio (completo)	8	0	1	0	0	1	0	0		10
	ensino médio (incompleto)	5	0	1	0	0	0	0	0		6
	ensino superior (completo)	4	0	0	0	0	0	0	0		4
	ensino superior (incompleto)	5	0	0	0	0	0	0	0		5
	não moro com o meu pai	21	1	11	0	0	0	0	0		33
	não sabe	2	1	0	0	0	0	0	1		4
Total		102	6	19	3	1	1	2	3		137

Analisando as correlações entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a escolaridade do seu pai?”, podemos notar o encontro entre a baixa escolaridade (ensino fundamental incompleto) e o trabalho infantil nos ateliês – 42 casos, 41,1%. Apenas como comparação: as crianças que têm seus pais com o ensino fundamental completo são apenas 15 – 14,7%.

Tabela 11: Qual é a escolaridade da sua mãe? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a escolaridade da sua mãe?	ensino fundamental (completo)	23	4	3	0	1	0	0	1	32
	ensino fundamental (incompleto)	48	2	11	2	0	0	2	1	66
	ensino médio (completo)	7	0	2	0	0	1	0	0	10
	ensino médio (incompleto)	7	0	1	0	0	0	0	0	8
	ensino superior (completo)	2	0	0	0	0	0	0	0	2
	ensino superior (incompleto)	3	0	0	0	0	0	0	0	3
	não moro com a minha mãe	10	0	2	1	0	0	0	0	13
	não sabe	2	0	0	0	0	0	0	1	3
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

O mesmo ocorre com a escolaridade da mãe. As crianças que têm a mãe com apenas o ensino fundamental incompleto correspondem a 48 (47%), mais do que o dobro daquelas que suas mães terminaram o ensino fundamental, com 23 casos.

Tabela 12: Qual é a sua renda? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Qual é a sua renda?	não foi respondido	27	3	9	1	0	1	1	2	44
	100 a 1000	22	2	5	0	0	0	0	0	29
	1000 a 2000	27	0	4	0	0	0	0	0	31
	2000 a 3000	12	1	1	2	1	0	0	0	17
	3000 a 5000	14	0	0	0	0	0	1	1	16
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “qual é a sua renda?” podemos notar que 27 (26,4%) das crianças que trabalham em ateliês não responderam. Como a questão era em aberto, caberia à própria criança indicar o ganho total da família durante um mês. Porém, das que responderam 49 (48%) não passa de 2000 reais ao mês. Sem dúvida um tanto surpreendente que 14 responderam que ganham de 3000 a 5000 reais por mês.

Tabela 13: Quantos irmãos você tem? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Quantos irmãos você tem?	nenhum	3	0	4	0	0	0	0	0	7
	um irmão	32	3	5	2	0	0	1	1	44
	dois irmãos	33	0	2	0	0	1	1	1	38
	três irmãos	13	0	2	1	1	0	0	0	17
	quatro irmãos	7	0	1	0	0	0	0	1	9
	cinco irmãos	7	1	3	0	0	0	0	0	11
	mais de 5 irmãos	7	2	2	0	0	0	0	0	11
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “quantos irmãos você têm?” podemos notar que a criança trabalhadora de São João Batista tem uma família pequena: 33 (32,3%) têm apenas 2 irmãos. Porém, somando todas as formas de trabalho a faixa, a faixa com maior frequência é daqueles com apenas um irmão, somando 44 (32,1%) dos casos.

Tabela 14: Você é o filho? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Você é o filho?	único	3	0	3	0	0	0	0	0	6
	mais velho	34	3	7	1	0	1	1	1	48
	mais novo	39	2	5	1	0	0	0	2	49
	do meio	26	1	4	1	1	0	1	0	34
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “você é o filho?” podemos notar que a criança que mais trabalha nos ateliês é a mais nova, com 39 (38,2%) dos casos. Seguido de perto pela criança mais velha, com 34 (33,3%) dos casos. Isto não significa, necessariamente, um contra-senso à teoria de que os filhos mais velhos são mais propensos ao trabalho infantil, pois são os primeiros a atingirem a adolescência. Como vimos as famílias de São João Batista que empregam os seus filhos nos ateliês são pequenas. Isto significa que não há uma disparidade tão grande entre o mais novo e o mais velho.

Tabela 15: Onde você nasceu? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Onde você nasceu?	São João Batista	35	0	9	3	0	0	0	2	49
	Paraná	7	0	3	0	0	0	0	1	11
	Rio Grande do Sul	31	3	5	0	0	0	0	0	39
	Santa Catarina (fora)	26	3	1	0	1	1	1	0	33
	Pernambuco	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Paraguai	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Rondonia	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Rio de Janeiro	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	São Paulo	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Esta correlação, entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “onde você nasceu?” é, sem dúvida, uma das mais interessantes. Em primeiro lugar, fica claro que a criança que nasceu em São João Batista tem o maior número de casos de trabalho no ateliê, com 35 (34,3%) das respostas afirmativas. Entretanto, também podemos notar que os naturais do Rio Grande do Sul, com 31 (30,3%) dos casos, chegam muito perto do primeiro lugar. A razão disto é a decadência do Vale dos Sinos, outro pólo calçadista, no Rio Grande do Sul. Parte destes trabalhadores

resolveram migrar para São João Batista, pois a forma de emprego (indústria de sapatos) é a mesma. Mas, o mais importante dessa correlação é que a maioria das crianças que trabalham em ateliês são imigrantes: seja do interior de Santa Catarina (26), do Rio Grande do Sul (31) do Paraná (7), Rio (1), São Paulo (1) e Pernambuco (1). Somando todos temos: 67 casos – 65,6%.

Tabela 16: Você gosta de ir para a escola? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?								Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	trabalho como babá	trabalha na "oficina"	ajudo no comércio	SENAI	
Você gosta de ir para a escola?	sim	75	4	17	2	1	1	1	3	104
	não	26	2	2	1	0	0	1	0	32
	não respondeu	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		102	6	19	3	1	1	2	3	137

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e a pergunta “você gosta de ir à escola?” podemos notar que há uma aceitação muito alta daquelas crianças que trabalham em ateliês: 75 (73,5%) gostam do colégio. Apenas 26 responderam que não gostam.

Tabela 17: Você gosta do trabalho? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?				Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	ateliê e PETI	ajudo no comércio	
Você gosta do trabalho?	sim, ajuda na minha independência	27	1	1	1	30
	sim, é melhor do que ficar na rua	25	1	0	0	26
	sim, ajuda a minha família	32	0	1	0	33
	não, preferiria estudar apenas	3	0	0	0	3
	não, o trabalho é muito repetitivo	2	0	0	0	2
	não, o salário é muito baixo	5	0	1	0	6
	não foi respondido	1	0	0	0	1
Total		95	2	3	1	101

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “você gosta do trabalho?” podemos notar que a maioria (88,4%) afirmou que “sim”. A principal razão escolhida foi “sim, ajuda a minha família” com 32 (33,6%) casos. Ou seja, há uma aceitação muito grande da criança da sua própria condição de trabalhador infantil. E mais importante do que isto: a razão financeira aparece em primeiro lugar, já que

ajudar significa ajudar na manutenção do orçamento familiar. Apenas 9 (9,4%) responderam que não gostam do trabalho nos ateliês – sendo que 5 reclamaram do salário.

Tabela 18: Quantas horas você trabalha por dia? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?					Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	ateliê e PETI	ajudo no comércio	SENAI	
Quantas horas você trabalha por dia?	1 à 2 horas	17	0	1	0	0	18
	3 à 4 horas	24	1	1	0	0	26
	5 à 8 horas	29	1	0	1	1	32
	9 à 12 horas	14	0	0	0	0	14
	não foi respondido	6	0	0	0	0	6
	9	1	0	0	0	0	1
Total		91	2	2	1	1	97

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “quantas horas você trabalha por dia?” podemos notar que a criança trabalhadora perde, na sua maioria, de 5 a 8 horas por dia nos ateliês – ao todo são 29 casos, representando 31,8% do total. Seguido de perto pela criança que trabalha de 3 a 4 horas por dia – 24 casos, representando 26,3% do total. Creio que o número reflète a própria lógica do trabalho por peça. Quanto maior o número de horas dedicado à produção de bens, maior o salário.

Tabela 19: Com que idade você começou a trabalhar? * O que você faz quando não está na escola?

		O que você faz quando não está na escola?						Total
		trabalho no ateliê	trabalho na fábrica de sapatos	PETI	ateliê e PETI	ajudo no comércio	SENAI	
Com que idade você começou a trabalhar?	7	0	1	0	0	0	0	1
	8	2	0	0	0	0	0	2
	9	7	2	0	0	0	0	9
	10	18	0	0	0	0	0	18
	11	23	0	1	1	0	1	26
	12	18	0	0	0	0	0	18
	13	16	0	0	2	0	0	18
	14	7	0	0	0	1	0	8
	15	2	0	0	0	0	0	2
Total		93	3	1	3	1	1	102

Analisando a correlação entre a variável “o que você faz quando não está na escola?” e “com que idade você começou a trabalhar?” podemos notar que a idade mais problemática, para as 93 crianças que trabalham em ateliês é aos 11 anos. Esta idade é a com o maior número de casos. 23 ao todo, representando 24,7% do total. Mas é seguindo de perto pela idade de 10 e 12, cada uma com 18 casos – 19,3%.

Tabela 20: Qual é o seu sexo? * Você gosta do trabalho?

		Você gosta do trabalho?							Total
		sim, ajuda na minha independência	sim, é melhor do que ficar na rua	sim, ajuda a minha família	não, preferiria estudar apenas	não, o trabalho é muito repetitivo	não, o salário é muito baixo	não foi respondido	
Qual é o seu sexo?	masculino	16	18	27	2	2	3	1	69
	feminino	14	8	6	1	0	3	0	32
Total		30	26	33	3	2	6	1	101

Analisando a correlação entre a variável “você gosta do trabalho?” e “qual é o seu sexo?” podemos notar que os meninos, entre aqueles que gostam do trabalho (27 casos e 44,2%) afirmam que gostam pelo fato de ajudar a sua própria família. Enquanto a maioria das meninas (14 casos e 50% do “sim”) afirmam que o fazem para ajudar na sua própria independência. Já naqueles que não gostam do trabalho por causa do salário baixo, representam, nos garotos 3 casos (4,3% do total) e nas meninas, novamente 3 (9,3% do total).

Tabela 21: Qual é a sua idade? * Quantas horas você trabalha por dia?

		Quantas horas você trabalha por dia?						Total
		1 à 2 horas	3 à 4 horas	5 à 8 horas	9 à 12 horas	não foi respondido	9	
Qual é a sua idade?	9	0	1	0	0	0	0	1
	10	3	0	0	0	0	0	3
	11	2	2	0	0	3	0	7
	12	6	4	4	3	2	0	19
	13	4	7	8	5	0	0	24
	14	2	9	10	3	0	1	25
	15	1	2	9	2	1	0	15
	16	0	0	0	1	0	0	1
	19	0	1	0	0	0	0	1
	não respondeu	0	0	1	0	0	0	1
Total		18	26	32	14	6	1	97

Analisando a correlação entre a variável “quantas horas você trabalha por dia?” e “qual a sua idade?” podemos notar que a idade que mais trabalha de 1 a 2 horas é aos 12. de 3 a 4 horas é aos 14. De 5 a 8 horas aos 14 novamente e de 9 a 12 horas, aos 13. Isto reflete o próprio questionário, já que esta faixa etária (12,13,14,15) representam 81,1% das crianças trabalhadoras.

Tabela 22: Quantos irmãos você tem? * Quantas horas você trabalha por dia?

		Quantas horas você trabalha por dia?						Total
		1 à 2 horas	3 à 4 horas	5 à 8 horas	9 à 12 horas	não foi respondido	9	
Quantos irmãos você tem?	nenhum	0	1	1	1	0	0	3
	um irmão	4	9	9	4	2	0	28
	dois irmãos	6	6	11	7	2	0	32
	três irmãos	4	2	4	1	1	0	12
	quatro irmãos	0	3	2	1	0	1	7
	cinco irmãos	1	3	3	0	1	0	8
	mais de 5 irmãos	3	2	2	0	0	0	7
Total		18	26	32	14	6	1	97

Gostaria de analisar esta correlação de forma diferentemente do que vinha fazendo até aqui. Primeiro: vou analisar apenas aquelas crianças que responderam que trabalham de 5 a 8 horas por dia, pois foi onde houve a maior concentração de respostas, com 32 casos. Como podemos notar, em termos quantitativos, “2 irmãos” aparece como a maioria dos casos de trabalho nesta faixa horária, com 11 casos ao todo. Porém, percentualmente, isto representa 34,3% da resposta daqueles que também tem dois irmãos. Calculando todos os percentuais, aqueles que têm cinco irmãos são os mais propensos a trabalhar de 5 a 8 horas.

Tabela 23: Qual é a sua série * Qual é a sua idade?

		Qual é a sua idade?										Total
		9	10	11	12	13	14	15	16	19	não respondeu	
Qual é a sua série?	4 série	1	6	4	2	0	0	0	0	0	0	13
	5 série	0	1	4	6	3	1	2	0	0	0	17
	6 série	0	1	3	13	6	5	4	0	0	0	32
	7 série	0	0	0	9	11	11	5	2	1	0	39
	8 série	0	0	0	0	9	15	9	2	0	1	36
Total		1	8	11	30	29	32	20	4	1	1	137

Esta correlação entre a variável “qual a sua idade?” e “qual a sua série?” pretende analisar se há uma alta taxa de reprovação entre as crianças que trabalham nos ateliês. Para facilitar o leitor, gostaria de lembrar que uma criança da 4 série deve ter entre nove e dez anos, e uma criança da 8 deve ter entre treze e quatorze anos. Como podemos ver, na 4 série, a taxa de reprovação é de 46,1% das crianças trabalhadoras. Na 5, 70,5%. Na 6, 46,8%. Na 7, 48,7%. Na 8, 30,5%. Não posso afirmar que a média alta de reprovação se dá apenas pelo trabalho nos ateliês, mas não deixa de ser um tanto revelador que, das crianças que trabalham na 5 série, 70,5% já reprovaram, sendo que destas, 16,6% tem 15 anos. Ou seja, deveriam estar no 1 ano. A média de reprovação é de: 48,4%.

CONCLUSÃO

A exploração do trabalho infantil em São João Batista não se assemelha com a forma que este ocorria no século XIX e início do século XX no contexto brasileiro. Voltando ao passado, para analisar o presente, há algo a ser comemorado: a exploração não é mais legalizada, podendo ocorrer apenas em estabelecimentos pequenos, de difícil fiscalização e acima de tudo, ilegais – ou, ditos informais.

Mas há um pesar: mesmo que a exploração seja proibida por lei, esta realidade ainda persiste no contexto catarinense. Podemos notar que a formalidade (fábrica) se vale do informal (ateliê) para escapar dos direitos trabalhistas – como a carteira assinada. Por isso creio que o formal/informal não são categorias úteis no contexto de São João Batista.

Quando falamos de “exploração do trabalho infantil” em São João Batista, não estamos falando apenas da oferta (as crianças), mas sim da forma que ocorre a produção de sapatos neste município. Creio que deixei claro: a fábrica não contrata crianças *diretamente* - sim os seus pais. Porém, ao contratar os seus pais, e fazendo o pagamento apenas por peça, deixa em aberto que os pais usem os seus filhos como mão de obra.

Logo, há um jogo dissimulado, onde os empresários sabem muito bem o que ocorre nos ateliês, mas como não tem nenhuma ligação contratual com este (o acordo é oral) podem fazer de conta que não há trabalho infantil na cidade.

Gostaria de fazer aqui também, uma análise da teoria sobre a exploração infantil tratada no capítulo três e os questionários.

O perfil da criança trabalhadora de São João Batista, quantitativamente, é o seguinte: sua idade é de 14 anos, está na 8ª série, é branca, do sexo masculino, mora com os dois pais, tem o pai trabalhando numa fábrica de sapatos e a mãe num ateliê, seus pais só tem o ensino fundamental (incompleto), renda de até 2000 reais, tem dois irmãos, a criança que trabalha é a mais nova, é imigrante, gosta de ir à escola, acredita que trabalhando no ateliê está ajudando a família, trabalha de 5 a 8 horas por dia e começou a trabalhar com 11 anos.

Creio que a maior falha do estudo se deu na “renda”. 32,1% das crianças não responderam o questionário – em relação à sua renda. Esta seria uma das principais variáveis para compreender a exploração do trabalho infantil. Mesmo que a criança que ganhe a bolsa PETI seja pobre, não tenho como provar que a criança que trabalha na

indústria de calçados seja de baixa renda. Assumo que o trabalho ficou um pouco mais pobre sem essa informação.

A lista da OIT (p. 15) com os quatro principais fatores que levam uma criança a trabalhar, não pode ser aplicada perfeitamente no contexto de São João Batista: de fato há uma precarização do trabalho, também a renda da maioria que respondeu é relativamente baixa (400 reais por pessoa, máximo), e a escolaridade dos pais é baixa.

Mas não acredito que a lacuna na legislação brasileira possa ser responsabilizada. Muito menos, uma “cultura do trabalho”. De fato, a maioria das crianças respondeu que gostam do trabalho – mas a maioria trabalha para ajudar a sua família. Em primeiro lugar aparece a questão financeira, não necessariamente a noção de que é melhor do que ficar na rua.

Já Cipola e Rizzini (p. 15) tratam de assuntos parecidos: pobreza, sistema educacional ineficiente, “cultura do trabalho” e o desejo da criança trabalhar desde cedo. O mais importante destes todos, e que, aliás, ambos têm absoluta razão, é a ineficiência do sistema educacional brasileiro. Das crianças que trabalham em ateliês (102), 75 responderam que gostam de ir à escola. Porém, ao analisar o índice de reprovação, chegamos a uma média de 48,4%. Ou seja, quase metade está na série errada. E não é necessariamente um paradoxo que crianças que freqüentam as piores escolas tenham um apego maior à mesma, comparado com aqueles que estão nas melhores.

Kassouf (p.16) tem duas variáveis interessantes: o tamanho da família e o local de residência. Em primeiro lugar, as famílias de São João Batista são “médias”: pais e três filhos. Mas foi interessante notar que o filho único teve o menor número de casos quantitativos, com apenas 3 casos. Porém, ter apenas um irmão teve quase o mesmo número de casos dos que têm três – 32 e 33. Já o local de residência, que também pode ser entendido como tanto a cidade que mora, quando a cidade que morava, é muito importante: pois a maioria das crianças trabalhadoras é imigrante.

Além disso, os questionários não trataram de todas as crianças da escola. Se todas as crianças fossem utilizadas a comparação com a teoria ficaria mais rica – pois a própria teoria trata da probabilidade da criança trabalhar – e para calcular a probabilidade é necessário fazer uma comparação (aqueles que trabalham e aqueles que não trabalham). Não segui desta forma, pois a escola tem quase mil alunos. Tentei ser honesto com o tempo de que dispunha, e trabalhei apenas com as 137 crianças.

Mas houve um êxito: no questionário, as crianças podiam responder o que menos gostavam e o que mais gostavam do trabalho. Para minha surpresa, ao todo 46 responderam do que menos gostavam e 45 do que mais gostavam. Das que responderam o que menos gostam as respostas foi as seguintes: 22 afirmaram que é a utilização da cola, 3 do patrão, 1 de colocar a fivela, 6 de ficar em pé por muito tempo, 3 do serviço pesado, 2 do trabalho delicado, 1 de colocar curso na bota, 1 de ouvir reclamações, 1 do trabalho repetitivo, 1 de pintar, 1 de revisar as palmilhas, 1 de botar o rebite, 1 de outro funcionário, 1 de contar a linha e 1 do preço que pagam aos seus pais. Do que mais gostam no trabalho, as respostas foram as seguintes: 1 afirmou que “gosta de ficar olhando as minas”, 16 do dinheiro, 1 de botar caninho, 4 de costurar, 5 de passar cola, 3 das pessoas, 1 de aprender um ofício, 4 de colocar a fivela, 3 de refilar, 1 de passar a fita, 1 de cortar, 1 do patrão, 1 de forrar a palmilha, 1 de pintar, 1 do gabarito e 1 das moças.

Isto demonstra que a questão de combater o trabalho infantil é uma questão de saúde também. A razão de tantas crianças não gostarem da cola (22, de 46 respostas) é o seu forte cheiro e as possíveis alucinações que o contato direto (sem máscaras) pode trazer. Durante a minha estadia em São João Batista tive a oportunidade de ver uma criança trabalhando com cola, em pé. Esta não usava nenhuma máscara e tinha apenas 9 anos.

Gostaria também de fazer uma crítica ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Em primeiro lugar, como ficou claro nos questionários, existe crianças que recebem ajuda financeira do Governo Federal e mesmo assim trabalham em ateliês. Como o programa consome certa de dois turnos (matutino e vespertino) isto significa que as crianças trabalham de noite. O trabalho noturno é o pior tipo, pois prejudica o sono. A segunda crítica envolve a própria organização do PETI na cidade: ou melhor, a falta dessa. Conseguir uma informação básica é um tormento. Por exemplo: quantas crianças são contempladas pelo programa? Durante o trabalho, consegui a informação, mas em uma tese de mestrado apenas – de 2006¹⁹.

Por último, gostaria de terminar de forma otimista e sem tratar apenas de dados. Creio que com todos os seus defeitos, a cidade de São João Batista tem a possibilidade de eliminar a exploração do trabalho infantil. Em Franca (SP) foi possível, com a

¹⁹ A tese é: ALEXANDRE, Naldir Silva. **As Múltiplas Facetas do Trabalho Infantil: Necessidade x Cidadania**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de mestrado profissionalizante em políticas públicas da Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí/SC, 2006.

colaboração tanto do sindicato quanto dos empresários, criar um selo de responsabilidade social – informando que o sapato foi feito sem trabalho infantil, durante todo o processo de trabalho. Não tenho dúvida que é questão de tempo para o mesmo ocorrer no município catarinense.

Mas para isto acontecer, é necessário expor o problema.

ANEXO

Frequências do universo pesquisado:

Tabela 24: O QUE VOCÊ FAZ FORA DA ESCOLA

O que você fora da escola	Frequência	Percentual
Trabalho no ateliê	102	74,5
Trabalho na fábrica de sapatos	6	4,4
PETI	19	13,9
Ateliê e PETI	3	2,2
Trabalho como babá	1	0,7
Trabalho na oficina	1	0,7
Ajudo no comércio	2	1,5
SENAI	3	2,2
Total:	137	100

Está primeira frequência serve apenas para situar o leitor. É a forma que se divide o emprego da mão de obra: onde a criança trabalha. Como pode ser notado, 102 (74,5%) crianças afirmam que trabalham em ateliês. 6 (4,4%) trabalham em fábricas de sapatos. 19 (13,9%) estão no PETI. 3 (2,2%) estão no PETI e mesmo assim estão trabalhando em ateliês. 1 (0,7%) trabalha como babá. 1 (0,7%) numa oficina de carros do tio. 2 (1,5%) ajudam os pais no comércio. E 3 (2,2) estão no SENAI, que tem um curso de ensino sobre como produzir sapatos. Como pode ser notado, o ateliê é o líder isolado na forma que o trabalho infantil aparece.

Tabela 25: QUAL É O SEU SEXO?

Qual é o seu sexo?	Frequência	Percentual
Masculino	94	68,6
Feminino:	43	31,4
Total:	137	100

A criança trabalhadora, na amostra pesquisada, é em sua maioria masculina. Das 137 respostas afirmativas, 94 (68,6%) são meninos e 43 (31,4%) são garotas.

Tabela 26: QUAL A SUA IDADE?

Qual é a sua idade?	Frequência	Percentual
9	1	0,7
10	8	5,8
11	11	8
12	30	21,9
13	29	21,2
14	32	23,4
15	20	14,6
16	4	2,9
19	1	0,7
Não respondeu	1	0,7
Total:	137	100

Das crianças que responderam que trabalham, 1 (0,7%) tem apenas nove anos. 8 (5,8%) têm dez anos. 11 (8%) têm onze anos. 30 (21,9%) têm doze anos. 29 (21,2%) têm treze anos. 32 (23,4%) têm catorze anos. 20 (14,6%) têm quinze anos. 4 (2,9%) têm dezesseis anos. 1 (0,7%) tem dezenove anos. E 1 não respondeu a sua idade. Podemos notar já aqui que as idades de doze, treze e quatorze representam 66,5% do grupo trabalhador.

Tabela 27: QUAL É A SUA COR?

Qual é a sua cor?	Frequência	Percentual
branca	92	67,2
negra	8	5,8
mulata	21	15,3
amarela	1	0,7
outra	15	10,9
Total:	137	100

Das 137 crianças, 92 (67,2%) afirmam que são brancas. 8 (5,8%) afirmam que são negras. 21 (15,3%) se vêm como mulato. 1 (0,7) como cor amarela. E 15 (10,9%) como outra cor não especificada.

Tabela 28: QUAL A SUA SÉRIE?

Qual a sua série?	Frequência	Percentual
Quarta série	13	9,5
Quinta série	17	12,4
Sexta série	32	23,4
Sétima série	39	28,5
Oitava série	36	26,3
Total:	137, ok	100

Antes de iniciar os números em extenso, gostaria de lembrar que neste universo pesquisado há uma disparidade muito grande entre a série e a idade. Ou seja, um aluno de 14 anos pode tanto estar tanto na 4ª série quanto na oitava. É necessário ter isto em mente.

Das crianças que trabalham, 13 (9,5%) estão na 4ª série. 17 (12,4%) estão na 5ª série. 32 (23,4%) estão na 6ª série. 39 (28,5%) estão na 7ª série. 36 (26,3%) estão na 8ª série.

Somando a sexta, sétima e oitava, temos 78,2% dos trabalhadores.

Tabela 29: VOCÊ MORA COM?

Você mora com?	Frequência	Percentual
Meus pais	97	70,5
Apenas com o meu pai	3	2,2
Apenas com a minha mãe	27	19,7
Avós	4	2,9
Outros	6	4,4
Total:	137	100

97 (70,5%) das crianças que trabalham afirmam que vivem com os pais. 3 (2,2%) vivem apenas com o pai. 27 (19,7%) vivem apenas com a mãe. 4 (2,9%) vivem com os avós e 6 (4,4%) responderam “outros”. Podemos notar que há um grande pólo que vivem com os pais – 70,5% - mas também há os 19,7% que vivem apenas com a mãe.

Tabela 30: QUAL É A ATIVIDADE DO SEU PAI?

Qual é a atividade do seu pai?	Frequência	Percentual
Trabalha na indústria calçadista (ateliê)	27	19,7
Trabalha na indústria calçadista (fábrica)	41	29,9
Comerciante	6	4,4
Empresário	3	2,2
Desempregado	3	2,2
Outro	22	16,1
Não moro com o meu pai	34	24,8
Não sei	1	0,7
Total	137	100

27 (19,7%) das crianças que trabalham têm o seu pai em atividade no ateliê. 41 (29,9%) têm o seu pai como funcionário de alguma fábrica de sapato. Somados, dão 49,6 do universo. 6 (4,4%) têm o seu pai trabalhando no comércio. 3 (2,2%) são filhos de empresários. 3 (2,2%) dos pais são desempregados. 22 (16,1%) responderam “outro”. 34 (24,8%) não moram com o pai. E 1 (0,7%) não sabe a profissão do pai.

Tabela 31: QUAL É A ATIVIDADE DA SUA MÃE?

Qual é a atividade da sua mãe?	Frequência	Percentual
Trabalha na indústria calçadista (ateliê)	35	25,5
Trabalha na indústria calçadista (fábrica)	33	24,1
Comerciante	4	2,9
Empresária	4	2,9
Dona de casa	28	20,4
Desempregada	3	2,2
Outra	16	11,7
Não moro com a minha mãe	14	10,2
Total	137	100

Das crianças que trabalham, 35 (25,5%) tem suas mães trabalhando em ateliês, 33 (24,1%) tem as suas em fábricas. Somados: 49,6% estão diretamente ligadas com a produção de sapatos. 4 (2,9%) lidam com o comércio. 4 (2,9%) são empresárias. 28 (20,4%) são donas de casa. 3 (2,2%) estão desempregadas. 16 (11,7%) responderam “outro”. E 14 (10,2%) não moram com as mães.

Tabela 32: QUAL É A ESCOLARIDADE DO SEU PAI?

Qual é a escolaridade do seu pai?	Frequência	Percentual
Ensino fundamental (completo)	22	16,1
Ensino fundamental (incompleto)	53	38,7
Ensino médio (completo)	10	7,3
Ensino médio (incompleto)	6	4,4
Ensino Superior (completo)	4	2,9
Ensino Superior (incompleto)	5	3,6
Não moro com o meu pai	33	24,1
Não sabe	4	2,9
Total	137	100

Os dois principais pólos das 137 respostas das crianças trabalhadoras em relação à educação dos pais são: as 22 (16,1%) e 53 (38,7%) que ficaram no ensino fundamental (completo ou não). O outro pólo são as 33 (24,1%) que não moram com os pais. 10 (7,3%) fizeram o ensino médio completo e 6 (4,4%) não o terminaram. 4 (2,9%) tem ensino superior completo e 5 (3,6%) não o terminaram. 4 (2,9%) não sabem a escolaridade do pai. Creio que esta questão foi a mais difícil para as crianças responderem e honestamente não sei se valem como análise. A escolaridade do pai (ou da mãe) não é discutida em casa da mesma forma que o emprego. Talvez mais crianças não soubessem a resposta e mesmo assim assinalaram ensino fundamental completo e incompleto.

Tabela 33: QUAL É A ESCOLARIDADE DA SUA MÃE?

Qual é a escolaridade da sua mãe?	Frequência	Percentual
--	-------------------	-------------------

Ensino fundamental (completo)	32	23,4
Ensino fundamental (incompleto)	66	48,2
Ensino médio (completo)	10	7,3
Ensino médio (incompleto)	8	5,8
Ensino Superior (completo)	2	1,5
Ensino Superior (incompleto)	3	2,2
Não moro com a minha mãe	13	9,5
Não sabe	3	2,2
Total	137	100

Um tanto similar com a escolaridade dos pais, a escolaridade das mães fica de certa forma restrita ao ensino fundamental completo e incompleto. 32 (23,4%) responderam que suas mães têm apenas o ensino fundamental e 66 (48,2%) apenas incompleto. 10 (7,3%) estudaram até o ensino médio e 8 (5,8%) não o terminaram. 2 (1,5%) terminaram o ensino superior e 3 (2,2%) não. 13 (9,5%) não moram com a mãe. E 3 (2,2%) não souberam responder.

Tabela 34: QUAL É A SUA RENDA?

Qual é a sua renda?	Frequência	Percentual
Não foi respondido	44	32,1
100 a 1000 reais	29	21,2
1000 a 2000 reais	31	22,6
2000 a 3000 reais	17	12,4
3000 a 4000 reais	16	11,7
Total	137	100

Com a renda ocorreu algo similar com a educação dos pais. Ficou claro que um terço não sabia a renda dos pais. E, novamente, não podemos ter certeza que muitas das respostas correspondem com a verdade. Como não era uma questão de multiplica escolha, muitos questionários ficaram em branco. Também creio que alguns não quiseram responder por questão de segurança. Mas das que responderam, 29 (21,2%)

ganham de 100 a 1000 reais; 31 (22,6%) de 1000 a 2000 reais; 17 (12,4%) 2000 a 3000 reais e 16 de 3000 a 4000 reais.

Tabela 35: QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TÊM?

Quantos irmãos você têm?	Frequência	Percentual
Nenhum	7	5,1
1	44	32,1
2	38	27,7
3	17	12,4
4	9	6,6
5	11	8
Mais de 5	11	8
Total	137	100

Das crianças, 7 (5,1%) não tem nenhum irmão. 44 (32,1%) tem apenas um irmão. 38 (27,7%) tem dois irmãos. 17 (12,4%) tem três irmãos. 9 (6,6%) tem quatro irmãos. 11 (8%) tem cinco irmãos e 11 (8%) tem mais de cinco irmãos. Sem dúvida, podemos notar que as famílias são pequenas, sendo 59,8% compostas de um ou dois filhos.

Tabela 36: ONDE VOCÊ NASCEU?

Onde você nasceu?	Frequência	Percentual
São João Batista	49	35,8
Paraná	11	8
Rio Grande do Sul	39	28,5
Santa Catarina	33	24,1
Pernambuco	1	0,7
Paraguai	1	0,7
Rondônia	1	0,7
Rio de Janeiro	1	0,7
São Paulo	1	0,7
Total	137	100

49 (35,8%) são nativas do município. 11 (8%) vieram do Paraná. 39 (28,5%) vieram do Rio Grande do Sul. 33 (24,1%) vieram de outras partes do Estado de Santa Catarina. E 5 (3,5%) vieram de lugares como Paraguai, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Rondônia.

Esta freqüência é, provavelmente, uma das mais importantes. Por dois motivos: em primeiro lugar, os imigrantes (aqueles que não nasceram em São João Batista) representam a maioria das crianças que estão trabalhando nos ateliês ou estão no PETI. Ao todo: 64,2% das crianças trabalhadoras são imigrantes. E em segundo lugar, 28,5% das crianças trabalhadoras vieram do Rio Grande do Sul. Por que Rio Grande do Sul em especial? Pois lá há outro pólo de calçados – o Vale dos Sinos. Este pólo está passando por crises segundo trabalhos recentes. Com o desemprego no Vale, São João Batista é o caminho natural, pois é razoavelmente perto e a indústria é a mesma.

Tabela 37: VOCÊ GOSTA DE IR À ESCOLA?

Você gosta de ir à escola?	Freqüência	Percentual
Sim	104	75,9
Não	32	23,4
Não respondeu	1	0,7
Total	137	100

Um dado otimista foi que as crianças que trabalham gostam de ir à escola: 104 (75,9%) afirmam que sim. Mas 32 (23,4%) afirmam que não. E 1 não respondeu.

ANEXO 2

Este questionário é anônimo. Não é necessário escrever o nome.

Qual é a sua idade?

Resposta: _____

Qual é o seu sexo?

- a) masculino
- b) feminino

No Brasil existem pessoas de diversas cores. Em sua opinião, qual é a sua cor?

- a) branca
- b) negra
- c) mulata
- d) amarela
- e) outra

Qual é a sua série?

- a) 4 série do ensino fundamental
- b) 5 série do ensino fundamental
- c) 6 série do ensino fundamental
- d) 7 série do ensino fundamental
- e) 8 série do ensino fundamental
- f) 9 série do ensino fundamental
- g) 1 ano do ensino médio
- h) 2 ano do ensino médio
- i) 3 ano do ensino médio

Você mora com:

- a) meus pais
- b) apenas com o meu pai
- c) apenas com a minha mãe
- d) avós
- e) outros

Qual é a atividade (trabalho) do seu pai?

- a) trabalha na indústria calçadista (ateliê)

- b) trabalha na indústria calçadista (fábrica)
- c) comerciante
- d) empresário
- e) desempregado
- f) outro
- g) não moro com o meu pai

Qual é a atividade de sua mãe?

- a) trabalha na indústria calçadista (ateliê)
- b) trabalha na indústria calçadista (fábrica)
- c) comerciante
- d) empresária
- e) dona de casa
- f) desempregada
- g) outro
- h) não moro com a minha mãe

Qual é a escolaridade do seu pai?

- a) ensino fundamental (completo)
- b) ensino fundamental (incompleto)
- c) ensino médio (completo)
- d) ensino médio (incompleto)
- e) ensino superior (completo)
- f) ensino superior (incompleto)
- g) não moro com o meu pai

Qual é a escolaridade da sua mãe?

- h) ensino fundamental (completo)
- i) ensino fundamental (incompleto)
- j) ensino médio (completo)
- k) ensino médio (incompleto)
- l) ensino superior (completo)
- m) ensino superior (incompleto)
- n) não moro com a minha mãe

Qual é a renda da sua família? (JUNTANDO TUDO O QUE TODOS GANHAM DÁ QUANTO?)

Resposta: _____

Quantos irmãos você tem?

- a) nenhum
- b) 1
- c) 2
- d) 3
- e) 4
- f) 5
- g) mais de 5

Você é o filho:

- a) único
- b) mais velho?
- c) mais novo?
- d) do meio?

Você nasceu em São João Batista?

- a) sim
- b) não

- *Caso **não** tenha nascido em São João Batista, qual é o seu Estado de origem?*

- a) Paraná
- b) Rio Grande do Sul
- c) São Paulo
- d) Rio de Janeiro
- e) Bahia
- f) Rio Grande do Norte
- g) Espírito Santo
- h) Se for outro, qual?) _____

- Você sabe por que sua família veio ao município de São João Batista? Qual foi o principal motivo da vinda de sua família para a cidade? (SE A SUA FAMÍLIA É DE SÃO JOÃO BATISTA ESSA PERGUNTA NÃO PRECISA SER RESPONDIDA).

Resposta: _____

Você gosta de ir à escola?

- a) sim
- b) não

O que você faz quando não está na escola?

- a) assisto televisão
- b) internet
- c) jogos em geral
- d) estudo
- e) trabalho no ateliê
- f) trabalho na fábrica de sapatos
- g) ajudo no serviço de casa
- h) PETI
- i) Se for outro, qual?) _____

As perguntas abaixo são apenas para quem trabalha no ateliê.

- *Caso a resposta seja “trabalho no ateliê”, você gosta deste trabalho?*

- a) sim, ajuda na minha independência
- b) sim, é melhor do que ficar na rua
- c) sim, ajuda a minha família
- d) não, preferiria estudar apenas
- e) não, o trabalho é muito repetitivo
- f) não, o salário é muito baixo

- *O que você menos gosta deste trabalho?*

Resposta: _____

- *O que você mais gosta deste trabalho?*

Resposta: _____

- *Com que idade você começou a trabalhar?*

Resposta: _____

- *Você trabalha por dia?*

- a) 1 à 2 horas
- b) 3 à 4 horas
- c) 5 à 8 horas
- d) 9 à 12 horas

Bibliografia

Livros:

ALEXANDRE, Naldir Silva. **As Múltiplas Facetas do Trabalho Infantil: Necessidade x Cidadania**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de mestrado profissionalizante em políticas públicas da Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí/SC, 2006.

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

CIPOLA, Ari, **O Trabalho Infantil**, São Paulo: Editora Publifolha, 2001.

COHEN, G. A. **Karl Marx's Theory of History: a defence**. Princeton: New Jersey, 2000.

CUSTÓDIO, André Viana. **A exploração do trabalho infantil doméstico no Brasil contemporâneo: limites e perspectivas para sua erradicação**. Florianópolis, 2006.

GÓES, José Roberto de, e FLORENTINO, Manolo. "Crianças escravas, crianças dos escravos". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

LONDON, Jack. **O Povo do Abismo**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARX, Karl. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Brasil: L&PM, 2001.

MARX, Karl, **O Capital**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAUAD, Ana Maria. "Crianças escravas, crianças dos escravos". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Mapa de Indicativos do Trabalho da Criança e do Adolescente**. Brasília: 2005.

NAVARRO, Vera Lucia, **Trabalho e trabalhadores do calçado**, São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NAVARRO, Vera, A indústria de calçados no turbilhão da reestruturação. IN: ANTUNES, Ricardo (Org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PASSETI, Edson. "Crianças carentes e políticas públicas". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

PERROT, M. **História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**, São Paulo: CIA das Letras, 1999.

RAMOS, Fábio Pestana. "A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século VI". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

RIZZINI, Irmã. "Pequenos trabalhadores do Brasil". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. "Criança e criminalidade no início do século". In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

TROTSKI, Leon. **Política**. São Paulo: Editora Ática, 1981.

KASSOUF, Ana Lúcia. **O Que Conhecemos Sobre o Trabalho Infantil?** São Paulo: USP, 2007.

Artigos:

Organização Internacional do Trabalho, **Aspectos qualitativos do trabalho infantil no Brasil**, Brasil.

Organização Internacional do Trabalho, **O Trabalho Infantil na Atividade Informal Urbana em Guarabira**, Brasil.

Organização Internacional do Trabalho, **Perfil do Trabalho Infantil no Brasil por regiões e ramos de atividade**, Brasil, 2004.

Sites:

Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/guia/sao-joao-batista-a-terra-dos-calcados>>. Acesso em: 28 de abril de 2009.

Jornais:

Um soco no estômago. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de abril. 2009. Tendências e Debates. A3.

Trabalho infantil é um soco no estômago. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de abril. 2009. Tendências e Debates. A3.

Cresce total de crianças que trabalham em casa. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 de setembro. 2008. Caderno cotidiano. p. 4

Outros:

Sindicato dos Trabalhadores de São João Batista, 2007.

Histórico de São João Batista.